

RENATA ROCHA FERRAZ

Foi num tronco duma Jurema, foi na sombra dum Jurema

História e resignificação da Jurema no estado de São Paulo

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2013

RENATA ROCHA FERRAZ

Foi num tronco duma Jurema, foi na sombra dum Jurema

História e resignificação da Jurema no estado de São Paulo

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências da Religião, sob orientação do Professor Doutor Ênio José da Costa Brito.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2013

RENATA ROCHA FERRAZ

Foi num tronco duma Jurema, foi na sombra dum Jurema

História e resignificação da Jurema no estado de São Paulo

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências da Religião, sob orientação do Professor Doutor Ênio José da Costa Brito.

COMISSÃO EXAMINADORA

São Paulo, _____ de _____ de 2013.

Dedico a minha família e amigos esta monografia pessoas essas que me deram total apoio para a conclusão deste trabalho.

Agradeço imensamente ao meu orientador Ênio José da Costa Brito, pela dedicação e paciência em todo esse tempo de trabalho. Agradeço aos meus padrinhos Julio César e Lais Cristina pelo incentivo e amor durante todo esse tempo de convivência juntos. Aos mestres da Jurema seu Zé Pititico e o nego do chapéu virado que não deixaram minha luz se apagar. E agradeço a todos os professores do curso de Pós Graduação em Ciências da Religião pela bagagem adquirida durante as aulas.

Resumo

O título do trabalho Foi num tronco duma Jurema, foi na sombra dum Jurema, advém da experiência vivida por mim no terreiro Roça de Angola Onire Cele, casa esta que trabalha com a religiosidade Jurema me encantei com essa prática religiosa, que me levou a aprofundar-me em pesquisas. Como eu estava cursando a Pós Graduação em Ciências da Religião não tive dúvidas em realizar o meu trabalho de conclusão de curso sobre esse tema. Percebi que em todo o meu tempo de pesquisadora e praticante de religiões de matriz afro brasileira nunca tinha ouvido falar dessa religiosidade, me instigando muito mais a pesquisar e entender o porque de tal fato. A partir de então comecei a procurar cada vez mais referências bibliográficas sobre este tema, encontrando dificuldade pois ainda os estudos a cerca da Jurema são poucos e quando os encontramos esta atrelado a alguma outra religiosidade, me utilizei de grandes pesquisadores dessa religiosidade como Câmara Cascudo(1898-1986), Roger Bastide(1898-1974) e Luiz Assunção(2010) para fundamentar a minha escrita e nortear a minha vivência enquanto praticante.

Foi utilizado a pesquisa quantitativa que ilustrou concretamente o funcionamento da religiosidade Jurema e confrontando com os dados históricos escritos baseados nos autores a cima citados.

Desenvolvi durante a pesquisa 3 capítulos sendo o primeiro, a origem da Jurema e seus mestre, o segundo sobre o histórico da Jurema Nordestina, e o terceiro sobre a Jurema em terras Paulistanas. Concluo que a religiosidade Jurema nos da uma grande contribuição social e espiritual e que ela conseguiu resistir sendo trazida a diversos estados e não perdendo sua raiz.

Summary

The title of the present work, Foi num tronco duma Jurema, foi na sombra dum Jurema, comes from my life experience in Roça de Angola Onire Cele yard, a

religious house that works with Jurema religiosity, where I was charmed by this newest religious practice that has been presented to me, stimulating me to delve myself into researches. Since I was in post-graduation course in Religion Sciences, I had no doubts on making my course completion assignment about such theme. I have realized that, in all my lifetime regarding researches and cultism of many religions from afro-brazilian origins, I have never heard about such religiosity, urging me to research it and understand the reason of such fact. From there, I started to search for many other references about this theme, facing difficulties because the studies regarding Jurema are few and, when there is any material about it, it is related to another religiosity. I have extensively used the material of great researchers about this religiosity such as Câmara Cascudo (1898-1986), Roger Bastide (1898-1974) and Luiz Assunção (2010) to fundament my writings and guide my life experience as a cultist. The quantitative approach has been used to illustrate concretely the functioning of Jurema religiosity and confronted with the historical data based on the aforementioned authors.

I have developed, during the research, three chapters. The first is about the origins of Jurema and its masters, the second is about the history of northeastern Jurema and the third is about Jurema in São Paulo state. I conclude that Jurema religiosity nowadays give us a great social and spiritual contribution and that it managed to resist being brought to various states without losing its roots.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
A Jurema e seus mestres.....	12
Breves notas sobre o histórico da Jurema.....	30
Jurema em terras paulistanas: Vivência com os mestres Zé Pititico e Julio César.....	44
Conclusão.....	54
Bibliografia.....	55

Introdução

Apresentamos a seguir o projeto, que norteou nossa pesquisa, para oferecer ao leitor uma visão de conjunto, sobre uma importante expressão religiosa afro indígena a Jurema. Julgamos poder assim introduzi-lo na dinâmica do trabalho.

a) Motivação

Num primeiro momento, o conhecimento acerca da Jurema, religiosidade esta que nunca tinha ouvido falar e que me foi mostrada através de um dos mestres mas conhecidos desse rito, mestre Zé Pititico (pertencente a falange de seu Zé Pelintra), me despertou fascínio e curiosidade. Senti a necessidade de trazer a tona essa religiosidade tão rica e ao mesmo tempo tão escondida, pois são poucos seus registros no estado de São Paulo e quando se encontram, eles vem atrelados a alguma religião Afro brasileira, como a Umbanda ou Candomblé. Entre algumas leituras feitas por mim no intuito de entender o porque de ser tão “escondida” e até “esquecida” utilizei de autores como Luiz Assunção (2010), que tem uma pesquisa vasta sobre Jurema nordestina. No nordeste temos uma concentração grande dessa expressão religiosa afro-indígena. Necessário que se diga, que ela não ficou circunscrita ao nordeste, tanto que a encontramos no Estado de São Paulo.

Por ser aluna do curso de Ciências da Religião, tive a oportunidade de olhar mais criticamente para as diversas expressões de religiosidade presentes no país. Ao longo do curso voltei me para um desejo antigo, olhar mais de perto a Jurema para explicitar a sua importância espiritual, social e identitária.

Olhar a Jurema e procurar compreendê-la de dentro para evitar o que ocorre com muita frequência, a Jurema é estudada a partir de outra religião afro-brasileira.

b) Estado da arte

O pouco encontrado de registros sobre a Jurema no Brasil, a reporta como sendo originária no nordeste, praticada pelos índios, negros e caboclos, em rituais onde se bebia, fumava, manipulava ervas naturais e invocava seus antepassados, como elementos culturais inseridos nos costumes de práticas vividas coletivamente. Entre os poucos autores que me dão suporte nesse trabalho, destaco, primeiramente, Luiz Assunção (2010), que desenvolveu sua pesquisa acerca da Jurema Nordestina, percorrendo o interior do Nordeste. Trabalho minucioso com um amplo resgate histórico das primeiras manifestações dessa religiosidade no país. Câmara Cascudo, pioneiro no estudo da Jurema. Sua obra *Meleagro*, difícil de ser encontrada, estuda a Jurema no âmbito do folclore, traz inúmeras informações sobre as práticas rituais e os objetos simbólicos da Jurema. Seus registros são importantes, pois, ajudaram a preservar a memória dessas práticas. Recorremos, também, a Roger Bastide, cientista social, que dedicou estudos principalmente ao Catimbó, primeira manifestação dessa expressão religiosa.

c) Justificativa

Quero evidenciar o dinamismo da Jurema, que teve o seu início com os índios, mas ao longo do tempo incorporou elementos da religiosidade afro. Pretendo chamar atenção, também, para o fato dela ter se espalhado por todo o território nacional. Tive informações de outro pesquisador que disse ter encontrado na periferia de São Paulo vários juremeiros, que exercem funções religiosas.

No âmbito das religiões de matriz afro, a Jurema na maioria das vezes é vista como subalterna, ou seja ela é explicada e compreendida a partir de outra expressão religiosa. Daí a importância de ser olhada a partir dela mesma. Acrescento que os estudos sobre Jurema são escassos. O intuito deste trabalho, é justamente mostrar a Jurema em si mesma, e

não acoplada a alguma outra religião, mostrar que ela trouxe grande contribuição ao universo das religiões afro indígenas.

Objeto de estudo

O meu objeto de estudo é a Jurema Nordestina, tenho o propósito de evidenciar o seu valor social, étnico e identitário, como uma religião importante para o cenário brasileiro .

Indagações da pesquisa

Algumas questões me acompanharam ao longo desta pesquisa sendo elas:

O que é a Jurema e seu ritual?

Quem são os mestres e como são preparados para assumir as funções de juremeiro?

Quais as características da Jurema nordestina?

Qual a visão da Jurema segundo o “Mestre vivo” Julio Cesar e o “Mestre espiritual” Zé Pititico?

Hipótese da Pesquisa

A Jurema ao longo da história resistiu e ainda hoje se faz presente com seus rituais e mestres em vários estados do Brasil, como em São Paulo, na cidade de Sorocaba.

Procedimentos Metodológicos

Pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando dos métodos dedutivos e indutivos. Realizamos uma leitura cuidadosa dos textos básicos, leitura seguida de fichamento minucioso. Quanto a entrevista optamos pelo método qualitativo, uma vez que este nos permite captar, por meio da interpretação dos dados coletados, os significados dos fatos relatados.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não

pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1999, p.22)

Desenvolvemos nossa pesquisa em três capítulos, no primeiro, parto para definição do que é Jurema, e evidencio, a pratica de alguns mestres juremeiros que tiveram um papel importante nesta religiosidade.No segundo capitulo descrevo o surgimento e perpetuação da Jurema Nordestina.Já no terceiro capitulo a partir de duas entrevistas realizadas com os mestres juremeiros, desenvolvo um dialogo das praticas da Jurema no estado de São Paulo, mais precisamente em Sorocaba.

Capítulo 1

“A Jurema e seus mestres”

Se a Jurema é minha madrinha Jesus
é meu protetor.

Foi num tronco dum Jurema, foi na
folha dum Jurema.

Mas se você é um bom mestre me
ensina a trabalhar. (Nego do chapéu
virado).

Expomos neste capítulo o que vem a ser a Jurema, como é feito seu ritual e apresentaremos ainda alguns mestres que se destacam.

Jurema é uma árvore sagrada, que de sua casca se retira o material que virá a ser o vinho da Jurema, de sua raiz se fabrica o cachimbo o “catimbó”¹, de sua flor é fabricado o fumo e o defumador, e com a sua semente se inicia e surge um novo mestre e seguidor do culto da Jurema (Lopes,2005).

O ritual da Jurema ainda é pouco estudado,sendo de tradição nordestina, e utilizada pelos índios , esta religiosidade teria se diluído pelo campo da Umbanda,do feitiço e do Catimbó com influencias variadas (Silva,2010).

Brandão e Nascimento dão a seguinte descrição da Jurema :

[..] é uma arvore que floresce no agreste e na caatinga nordestina; da casca de seu tronco e de suas raízes se faz uma bebida mágico-sagrada que alimenta e dá força aos encantados do “outro mundo”. É também essa bebida que permite aos homens entrar em contato com o mundo espiritual e os seres que lá residem.Tal arvore, se constitui enquanto símbolo mágico-sagrado, o núcleo de várias práticas mágico-religiosas de origem ameríndia.De fato, entre os diversos povos indígenas que habitaram ou habitam o nordeste, se fazia e em alguns deles ainda se faz o uso ritual desta bebida(Brandão;Nascimento,1998,71).

Reginaldo Prandi na apresentação do livro *O reino dos mestres a tradição da Jurema* de Luiz Assunção(2010) define a Jurema como sendo: [...] uma árvore sagrada considerada pelo grupo religioso.Também denominado o nome de uma bebida preparada com a casca do tronco da Jurema,beberagem encontrada entre antigos costumes indígenas” (Prandi apud Assunção,2010,11).

¹ De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Catimbó, é uma variação da palavra Catimbau que significa “prática de feitiçaria ou baixo espiritismo.” Uma outra significação de Catimbau, está na sua origem hispano-americana, indicando “homem ridículo”.Entretanto, Catimbó significa muito mais que estas simples definições acadêmicas.Na verdade, o Catimbó esta tão misturado à vida do nosso povo que podemos encontrar palavras oriundas dele até nos esportes, entranhadas definitivamente no linguajar do brasileiro.Quem nunca ouviu os locutores esportivos dizerem que determinado jogador está fazendo “catimba” para ganhar o jogo? Catimbar significa, entre outras coisas, demandar, usar de astúcia, usar malícia.(Alckmin,1997,7).

Pode-se perceber que, tanto na definição de Lopes(2005) como a de Prandi (2010) a Jurema é vista como sendo uma árvore sagrada, dela se obtém, o fumo, a flor e a semente que tem grande importância no ritual e na iniciação de novos mestres. Já a definição de Brandão e Nascimento(1998) nos situa em relação ao território em que a Jurema se instala, e a aproxima de outras religiões afro brasileiras.

Os elementos religiosos utilizados para o ritual da Jurema descritos pelas

Pesquisadoras Rodrigues e Campos (2013,272) são:

[...] o maracá um chocalho que marca todas as sessões; as toadas que versam sobre a história da Jurema e seus significados, assim como as histórias de suas entidades. Além da estrela do Rei Salomão, outros objetos litúrgicos compõem a mesa da jurema, seu altar ou peji: a princesa, um recipiente com água ou o vinho da Jurema, nome dado à bebida feita através da raiz ou da casca maceradas da Jurema preta. Também podemos encontrar o príncipe, copo ou taça com água ou a bebida Jurema; velas; imagens de caboclos, mestre e santos; crucifixos; cachimbo e fumo; as oferendas e os assentamentos. Em todos os altares temos a presença do tronco da Jurema, um pedaço do tronco da própria árvore que após passar por uma ritualística encarnaria a entidade do mestre do juremeiro.

Na descrição feita por Brandão e Nascimento(1998,13) é aprofundada-se a função real de alguns elementos do ritual da Jurema entre eles o príncipe e a princesa:

[...] troncos da planta são assentados em recipientes, talvez pela falta de espaço nos locais de culto, troncos das plantas são assentados em recipientes de barro e simbolizam as cidades dos principais mestres das casas. Estes troncos juntamente com as princesas e príncipes, com imagens de santos católicos e de espíritos afro-ameríndios, maracás e cachimbos, constituirão as Mesas de Jurema. Chama-se Mesa o altar junto ao qual são consultados os espíritos e onde são oferecidas as obrigações que a eles se deva.

As princesas são vasilhas redondas de vidro ou de louça dentro das quais são preparadas a bebida sagrada, e em ocasiões especiais,

onde são oferecidos alimentos ou bebidas aos encantados. Os príncipes são taças ou copos, que normalmente estão cheios com água e eventualmente com alguma bebida do agrado da entidade. É comum vê-se nas mesas mais elaboradas uma complexa arrumação onde entra na composição príncipes, princesas e troncos.

O príncipe ou a princesa é a menor unidade de simbolização de uma entidade espiritual. Todo juremeiro deve ter, ao menos um destes dedicado ao seu mestre e assentado em sua mesa. Contudo, de acordo com a disponibilidade financeira, pode-se constituir todo um "estado espiritual"-as cidades denominadas por uma determinada entidade. Confecciona-se um estado através do uso de uma princesa tendo ao seu centro um príncipe e em seu derredor mais seis deles.

Sendo plantada por um não mestre, a Jurema não tem nenhum valor religioso, para que seja sagrada, ela tem que ser plantada pelas mãos de um mestre, na lua apropriada e ao nascer do sol. A partir do momento que o pé começar a brotar, ele terá de ser aguado aos sábados, num preparo de água de carne, água de arroz, fumo, ervas e perfume. Com o crescimento avançado, pode-se plantar ao redor do pé mais 14 sementes todas vindas da árvore mãe (Lopes,2005).

Para o ritual, quando o filho vai receber a semente da Jurema e seus fundamentos, a semente deve vir da árvore-mãe e ser inserida no filho por um mestre juremeiro. (Lopes,2005)

A consolidação de um verdadeiro mestre Juremeiro, se concretiza a partir do ritual de ensemantação, onde o filho da Jurema receberá sua semente numa cerimônia de batismo(Lopes,2005). O batismo segundo Lopes(2005) é o ritual mais importante da Jurema exigindo um certo cuidado na sua preparação. É levada até a mata uma toalha branca, que será colocada ao redor do pé de Jurema, o filho após ter passado por um jejum de sete dias será ensemantado, tornando-se um mestre.

Esse ritual espiritual não poderá ser realizado com nenhum tipo de corte ou incisão, devendo somente ser realizado pelo poder da mente e dos mestres ali “presentes”. A semente penetrará em algum ponto do novo mestre. Se for do lado esquerdo será uma entidade da esquerda, agora se for do lado direito será um mestre da direita (Lopes,2005).

Se o filho que se apresenta para o ritual for um homem, a ensemantação deverá ser feita por uma mestra mulher e vice versa se a filha for mulher, seguindo essa dinâmica o ritual fica mais forte (Lopes,2005).

Terminada a ensemantação, o novo filho da Jurema deverá ter a sua cabeça lavada com amaci, preparado com sete qualidades de folhas aromáticas(Lopes,2005).

Os mestres

O mestre da Jurema, pode ser de qualquer idade e sexo, se ele tiver menos de 12 anos é denominado de “flor de jurema”, mais de 12 anos será denominado de “flor de mesa”, se já for idoso terá o cargo de “cabeça de mesa”. Ao morrer o mestre-juremeiro “vivo” passa a ser cultuado como uma entidade, seu corpo é enterrado na mata, plantando se uma muda de Jurema em cima de sua cova (Lopes,2005).

Entre essas árvores, que foram mudas plantadas em cima dos restos mortais dos mestres –juremeiros é que se formam as Sete Cidades da Jurema. Ela é a morada dos mestres. Entre eles pode-se enumerar:Mestre Carlos,Mestre Heron,Mané Cadete,Mestra Maria da Glória,Tandá,Major do Dia e Mestre Zezinho do Acais, que também desce como Zé Pelintra,Zé Pretinho e Zé da Risada (Lopes,2005).

Numa descrição mais geral pode-se dizer que os mestres da Jurema, são associados a espíritos curadores advindos dos povos negros e mestiços.Conta-se que os mestres foram homens da lavoura que possuíam conhecimentos de

ervas e plantas curativas.É possível que eles tenham morrido, se “encantado” voltando para auxiliar os que ficaram.(Casculo apud Brandão e Nascimento,1998).

As entidades



Foto tirada da saída de Santo de Julio Cesar no terreiro Onire Cele em 20/04/2009.

No panteão juremista se cultuam diversos mestres e mestras, cada um responsável por algum aspecto relacionado a existência humana. Numa mesa de Jurema, essas entidades tem um papel fundamental na resolução de questões humanas.O mestre da casa tem um papel de médium principal, através dele os filhos podem consultar aquele que o mestre juremeiro incorporado.Ele inicia seus filhos nos segredos da Jurema, sendo carinhosamente chamado de “meu padrinho” (Brandão e Nascimento,1998).

A Jurema é composta por espíritos de caboclos, índios, ciganos e alguns orixás sendo eles: Odé, Exu, Iansã, Oxum, Xangô e Ossanha, que baixam como caboclos ou representados por estes. As entidades caboclos e índios se alimentam de carne de caça cozida no mel de abelha, sem sal. Já os ciganos

comem frango assado e as caboclas preferem frutos silvestres de diversas qualidades (Lopes,2005).

Cada mestre esta associado a uma cidade espiritual e a uma determinada planta de “ciência” (angico, vajucá, junca, quebra-pedra, palmeira, arruda, lírio, angélica, imburana de cheiro, e a própria Jurema, entre outros vegetais), existindo ainda alguns relacionados a fauna nordestina (mamíferos-quará, preá, aves-gavião, periquito, arara, pitaiguarí; insetos- abelhas, besouro manguangá; répteis-cobras). Para os mestres relacionados a uma outra planta específica que não a Jurema, são estas plantas (quando arvores) que tem seus trocos plantados nas mesas dos discípulos. (Brandão e Nascimento,1998,77)

Quando se preparam as oferendas para as entidades da Jurema, elas devem conter frutas, velas, perfumes, fumo e cachaça. No momento da oferta dessas oferendas a fumaça do cachimbo desempenha um papel fundamental (Lopes,2005)

Os despachos realizados por exigência das entidades envolvem sacrifícios de animais feitos sempre ao pé de Jurema (Lopes,2005).

A mesa da Jurema é o altar do culto, do qual não deve se aproximar mulher menstruada ou que tenha tido relação sexual recente. Nele, encontram-se sempre três taças, representando juça,o mar; catucá,o rio: e jurema, a mata (Lopes,2005,252).

Na parte de trás da casa do mestre-juremeiro deve estar a casa da cabocla Maria Padilha, onde ficam guardados todos segredos (Lopes,2005).

Dá-se o nome de Jurema pesada ao ritual no qual são invocados todos os mestres tanto os da esquerda, como os da direita. Toré é o nome dado a o ritual da Jurema específico para índios e caboclos (Lopes,2005).

Os Mestres e seus feitos

Em seguida passamos a apresentar a figura de três mestres juremeiros, que se destacam no histórico da Jurema, sendo eles: Mestre Zé Pilintra, Mestre Malunguinho e Mestre Carlos.

Primeiramente, relembro a definição do que é um mestre:

Mestres são espíritos que habitam um outro mundo, de onde são invocados para ajudar os humanos sofredores. Mestres são também feiticeiros vivos, sacerdotes, que conhecem os segredos daqueles espíritos e são capazes de usar seu conhecimento mágico em benefício dos homens. Mestres são, pois, vivos e mortos, e os que hoje vivem e fazem seu trabalho de culto aos mestres do além, um dia também serão espíritos e como tais serão chamados nas cerimônias de auxílio mágico aos viventes (Assunção, 2010, 11).

Os mestres do além são os donos dos saberes, eles podem ser de várias nações e etnias e todos falam o português. Sua descendência advém dos caboclos, indígenas, negros, escravos africanos; são “mestres” brancos, mestiços, catimbozeiros “populares” como o mestre “Zé Pilintra”. Narram suas histórias, contando também a história de outros “mestres do além” (Cascudo apud Assunção, 2010).

A figura de seu Zé Pilintra é a mais conhecida no universo da Jurema. Assunção apresenta-nos duas entidades conhecidas: mestre Carlos e seu Zé Pilintra. A primeira figura tem seus registros no Catimbó nordestino a partir de 1920, já seu Zé Pilintra se consolida na Jurema a partir de sua junção com a Umbanda.

Na descrição da entidade espiritual apresentada pelos pesquisadores Cascudo (1898-1986), Bastide (1898-1974), Mario de Andrade (1893-1945), mestre Carlos é descrito como um homem que gostava de beber e jogar em excesso, vivia no meio das “mulheres da vida”. Pai Ignácio de Oliveira não o quis iniciar na feitiçaria, dizem então que mestre Carlos “aprendeu sem se ensinar”, de uma bebedeira caiu num tronco de Jurema e morreu após três dias (Assunção, 2010).

Mario de Andrade deixou-nos o seguinte relato:

um dia que o pai saiu de casa, Carlos com 12 anos apenas, penetrou no 'Estado'(sala onde se realizam as sessões), tirou os objetos imprescindíveis de invocação e saiu com eles. Foi num mato de juremeiras e iluminado por uma presciência maravilhosa, conseguiu abrir uma sessão sozinho e invocar um mestre .Logo caiu no santo, quem sabe o que fez com o santo no corpo e, no fim, como em geral sucede, quando o mestre invocado se desmaterializou outra vez, caiu desacordado.O pai chegou em casa, Carlinhos nada de voltar.No dia seguinte, a inquietação principiou. Andaram campeando o menino por toda a parte e, no outro dia seguinte, Inácio de Oliveira, desesperado, reuniu gente e fez uma sessão.Quando caiu em transe, que mestre entrara no corpo dele? Nada menos que mestre Carlos, o mestre menino, tirando um canto novo:

Vinde,vinde,ó Flor da Noite,

Reluzindo por todas as mesas.”

Rei, ó rei Nãnã...

Mestre Carlos vem trabalhar,

Meia hora de relógio,

Licença queiram me dar.

Mestre Carlos é bom

Mestre

Que aprendeu sem se ensinar,

Três dias levou caído

No raiz do Juremá

Quando ele se levantou

Foi pronto pra trabalhar

Triunfando em todas as mesas,

Na sua mesa real.

Ó rei Nãnã, ó rei Nãnã

Ó rei Nãã, ó rei Nãã

Ó rei Nãã, ó rei Nãã

Ó rei Nãã, ó rei Nãã "(Mario de Andrade apud Assunção,2010,246)

A descrição feita de mestre Carlos como sendo um homem alegre, brincalhão, que gosta de uma boa bebida e da "farra" vem acompanhada de seu histórico de especialista em casamentos e descobridor de segredos preparado tanto para fazer o bem, quanto para o mal. Sendo considerado pelos mestres juremeiros, como o curador(Assunção,2010).

No livro, *Nos caminhos da Jurema preta* de Abigail Kanabogy(2008), mestre Carlos é descrito como sendo de origem portuguesa, tendo como nome de batismo Carlos Gonçalves, com idade de aproximadamente 8 anos nascido no século XIX . A casa de sua tataravó Maria Gonçalves fica em Alhandra-PB, sua avó costumava dizer, que ele era um demônio em figura de gente, e que fazia arte que até Deus duvidava(Kanabogy,2008).

Mestre Julio César do terreiro Roça de Angola Onire Cele, em entrevista feita sobre a jurema, conta que mestre Carlos, aprendeu os segredos da Jurema sem ninguém ensinar, pediu ao seu pai para lhe contar, mas não teve sucesso, então ele mesmo abriu uma Jurema sozinho e acabou morrendo na mata. Seu pai sem saber o que estava acontecendo saiu a procura do menino e nada de encontrar até que decidiu abrir uma sessão de Jurema para tentar encontrar alguma resposta para aquele sumiço e foi então que Carlos incorporou no próprio pai e disse:

Você não precisa mais me ensinar eu já sou mestre, por sete dias fiquei deitado na sombra dum jurema, eu sou um mestre que aprendeu sem ninguém ensinar quando me levantei, me levantei mestre pronto pra trabalhar (Mestre Julio César-SP).

Mestre Julio Cesar finaliza a sua narrativa sobre mestre Carlos dizendo:

Ele é o rei da Jurema, ele é o grande defensor da Jurema. Ele é o mestre dos mestres, porque ele abriu o ritual da magia e ele cofou. Ele aprendeu tudo sozinho mas ele morreu, ele teve que morrer para abrir um ritual da Jurema esse é um grande rei, também ele é o rei da Jurema de mesa.

Vou explicar a origem de mestre Carlos, ele vem como criança, ele da receita pra cura. Ele vem em várias formas, em mil faces. Ele é um mestre pronto aos treze anos, quando ele partiu daqui para o mundo espiritual (Mestre Julio César-SP).

Mestre Malunguinho é o rei da Jurema, foi um grande líder negro, que fez parte do Quilombo dos Palmares, segundo Silva (2010), alcançou o grau máximo de divindade da Jurema, conquistando o posto de rei da Jurema. Malunguinho vem de *malungo* e ambas as palavras pertencem ao tronco lingüístico Kimbundo, língua falada em Angola, país de que vieram estes negros guerreiros e brincantes. (Silva, 2010, 1).

Abigail Kanabogy no livro, *Nos caminhos da Jurema preta*, descreve mestre Malunguinho como sendo: “Caboclo índio africano, grande mestre da jurema, dono das 7 chaves sagradas, das 7 portas da Jurema, das 7 pedras imperiais e guardião das chaves de Salomão (Kanabogy, 2008, 89).

As pesquisadoras Michelle e Roberta, em *Caminhos da visibilidade: A ascensão do culto a Jurema no campo religioso do Recife*, descrevem uma ação religiosa em homenagem ao mestre Malunguinho:

O Kipupa Malunguinho é um evento idealizado por Alexandre L’Omi L’Odò, realizado pelo Quilombo Cultural Malunguinho² (QCM) e que marca o encerramento da Semana Estadual de Vivência e Prática da Cultura Afro Pernambucana, instituída pela Lei Malunguinho 13.298/07, um projeto de lei formulado e aprovado pelo então deputado estadual Isaltino Nascimento. Embora o evento marque o fim da Semana, ele começou a ocorrer no ano de 2006, um ano antes da aprovação da Lei. De acordo com Alexandre L’Omi L’Odò, o termo quimbundo kipupa significa agregação de pessoas. Logo o Kipupa Malunguinho significa agregação de pessoas em volta da figura de Malunguinho. O evento ocorre em terras do antigo Quilombo do

² Foi o antigo Quilombo de Catucá na zona da mata em Pernambuco, morada de Mestre Malunguinho líder negro que virou Rei da Jurema. (Rodrigues; Campos, 2013, 274).

Catucá, zona da mata de Pernambuco, especificamente onde hoje é a cidade de Abreu e Lima (Rodrigues;Campos,2013,276)

O ritual do Kipupa Malunguinho é assim descrito por Alexandre L'Omi L' Odò:

[...] as pessoas iam vivenciar Malunguinho no espaço histórico onde foi Catucá mesmo, aquele espaço ali teve uma coisa muito importante. No ritual profundo de jurema dentro de uma mata fechada, que é uma coisa totalmente inusitada, difícil de acontecer, e possibilitando as pessoas de chegar. Entendeu? E o coco³, que é uma coisa importante na jurema. O coco é essencial na jurema, também. [...] Porque é o ritmo que os mestres dançam, é o ritmo que é dos mestres. Porque o coco sempre foi do Nordeste e os mestres são figuras do Nordeste. Então, naturalmente, eles gostam de coco, que eles chamam de pisada, a macuca ou a macumba deles. Aquele toque assim, tac rutac tac... É uma levada baseada na linha de coco e as toadas da jurema são linhas de coco (Rodrigues;Campos,2013,276)

Mestre Zé Pititico, em entrevista concedida a esse trabalho, descreve mestre Malunguinho como sendo:

³ Dança típica das regiões praias é conhecida em todo o Norte e Nordeste do Brasil. Alguns pesquisadores, no entanto, afirmam que ela nasceu nos engenhos, vindo depois para o litoral. A maioria dos folcloristas concorda, no entanto, que o coco teve origem no canto dos tiradores de coco, e que só depois se transformou em ritmo dançado. Há controvérsias, também, sobre qual o estado nordestino onde teria surgido, ficando Alagoas, Paraíba e Pernambuco como os prováveis donos do folguedo. O coco, de maneira geral, apresenta uma coreografia básica: os participantes formam filas ou rodas onde executam o sapateado característico, respondem o coco, trocam umbigadas entre si e com os pares vizinhos e batem palmas marcando o ritmo. É comum também a presença do mestre "*cantadô*" que puxa os cantos já conhecidos dos participantes ou de improviso. Pode ser dançado com ou sem calçados e não é preciso vestuário próprio. A dança tem influências dos bailados indígenas dos Tupis e também dos negros, nos batuques africanos. Apresenta, a exemplo de outras danças tipicamente brasileiras, uma grande variedade de formas, sendo as mais conhecidas o coco-de-amarração, coco-de-embolada, balamento e pagode. Gaspar, Lucia. Coco (dança). Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar../index.php?option=com_content&view=article&id=556&Itemid=182>. Acesso em 01/12/2013.

Malunguinho é o rei, mas mestre Carlos sempre vai ser o bom mestre ponto cantada: Mestre Carlos é um bom mestre, que aprendeu sem ninguém ensinar, por sete dias ficou tombado na sombra dum jurema quando se levantou, levantou mestre pronto e trabalhou.

Pois ele é o rei também, ninguém e mais que ninguém na jurema mas cada um traz seus fundamentos. Malunguinho é o rei, também, sempre vai ser. Quem é Malunguinho é um caboclo então. Ele é o rei, sempre vai ser, sempre vai ser um rei porque ele é um caboclo, ponto cantado: Eu sou caboclo eu sou, eu sou do ponto eu sou, sou rezador. Malunguinho to te chamando, que eu to forrando a mesa. Poe um ponto no salão que quero, ver to na defesa. Malunguinho é rei!.. Oi chega, chega, chega reis Malunguinho.

Então todo mestre da jurema salda Malunguinho e quando se abre um catimbó se canta pra Malunguinho e se louva, porque na casa de juremada se canta pra Malunguinho louvando junto.

Esta breve exposição, deixa claro a importância da figura de mestre Malunguinho, um Quilombo recebeu seu nome. Na Jurema, ele divide a posição de rei com Mestre Carlos.

Mestre Zé Pilintra é retratado por Câmara Cascudo (1978), que o descreve como sendo característico do Catimbó, conhecido por sua fama de homem prosista e por sua boa lábia no galanteio de mulheres quando se faz presente. Natural da cidade de Alhandra, apesar de nesta cidade não possuir registros de plantação de Jurema. Mestre Zé Pilintra também é cantado como sendo do estado de Pernambuco ou Ceará (Cascudo apud Assunção, 2010, 251)

Dona Maria de Fátima de Salgueiro-PE descreve a história de seu Zé Pilintra da seguinte forma:

A história de seu Zé Pilintra contém que ele foi um homem, que ele bebia muito, na vida material ele bebia muito. Ela contém, que ele era muito desobediente. Ele era desobediente, não obedecia a mãe, ele não obedecia a ninguém. Quando ele bebia, era para bagunçar, brigar e catar confusão. Então, quando ele passou desse mundo para essa vida que hoje vive na Jurema, trabalhando com a gente material aqui, então, ela contém que ele só se salvou um lado. Então, esse lado

que ele se salvou foi o lado que ele vem para ajudar aqueles que contêm a fé e aqueles que ele vê que merece ele fazer o bem, porque aqueles que vê que não merece ele fazer o bem então, ele ficou á esquerda pra fazer o mal. O problema do Zé Pilintra foi esse (Assunção ,2010,251).

Liana Trindade, ao apresentar mestre Zé Pilintra, nos revela a existência de outras entidades espirituais, que são da mesma falange do mestre Zé Pilintra :

Mestre Zé Pilintra das Encruzadas (como espírito das trevas) foi um rapaz que não chegou a se casar. Discutia por causa de qualquer mulher e até matava quando invocava. Era cearense, levava uma vida depravada, bebum. Foi morto a facada num baile. Zé Pilintra é rebelde e vingativo. Existem muitos outros exus que são zombeteiros, risonhos, desordeiros (Trindade apud Assunção, 2010,

Zaydan Alkmin (1997) no seu relato, apresenta mestre Zé Pilintra dizendo tratar-se de um mito, e que quem se atrever a desbravar essa história descobrirá, que ela é infundável e muitas delas até inverossímeis, e impossíveis de serem contestadas. Zé Pelintra é descrito, longamente, por Alkmin:

ele era um pernambucano “cabra-da- peste” que não levava desaforo para casa, frequentava os cabarés da cidade de Recife, defendia as prostitutas, gostava de música, fumava cigarros de boa qualidade e apreciava a bebida. Contam que nasceu no povoado de Bodocó, sertão pernambucano, próximo à cidadezinha que leva o nome de Exu, qual, segundo o próprio Zé Pelintra, quando se manifesta numa mesa de Catimbó, foi batizada com este nome em sua homenagem, já que sua família era daquela região antes mesmo de se tornar cidade. Fugindo da terrível seca de meados do século passado, a família de José dos Anjos rumou para a capital Recife em busca de uma vida melhor, mas o destino lhe roubou a mãe, antes mesmo que o menino completasse 3 anos e, logo a seguir, seu pai morreu de tuberculose. José dos Anjos ficou órfão e teve que enfrentar o mundo juntamente com seus quatro irmãos menores. Cresceu no meio da malandragem, dormindo no cais do porto e sendo menino de recados de prostitutas. Sua estatura alta e forte granjeou-lhe respeito no meio da malandragem. Não apartava nunca de uma peixeira de seis polegadas de aço puro que ganhara de um marinheiro inglês com o qual fizera amizade.

Depois dessa apresentação, Alkmin relata o seguinte fato:

Conta-se que, certa vez, Zezinho, como também era conhecido, teve que enfrentar cinco policiais numa briga no cabaré da Jovelina, no bairro de Casa Amarela. Um dos soldados recebeu um corte de peixeira tão profundo no rosto que decepou-lhe o nariz e parte da boca. Doze tiros foram disparados contra Zezinho, mas nenhum deles o atingiu. Diziam que ele tinha o corpo fechado. Naquele mesmo evento, Zezinho conseguiu desvencilhar-se dos soldados, ferindo-os gravemente, um dos quais veio a falecer dias depois. Antes que chegassem reforços, Zezinho já tinha fugido ileso, indo se esconder na casa do coronel Laranjeira, um poderoso usineiro pernambucano, protetor do rapazote. Contava ele, naquela ocasião com 19 anos de idade e por este fato passou a chamar-se Zé Pilintra Valentão. Esse apelido lhe foi dado pelos próprios soldados da polícia pernambucana. Pilintra significa pilantra, malandro, janota etc.

Esse fato deu a ele um nome e fama na cidade.

Tempos depois de sair do esconderijo, Zezinho agora apelidado de Zé Pilintra Valentão, passou a fazer fama na cidade de Recife. Embora fosse querido por todos que o conheciam, não perdia uma briga e sempre saía vitorioso. Gigolô inveterado, tinha mais de vinte amantes espalhadas pela cidade, das quais obtinha dinheiro para sua vida boêmia. Sempre vestido em impecáveis ternos de linho branco, camisas de cambraia adornadas por uma gravata de seda vermelha e um lenço branco na algibeira do paletó; na cabeça um chapéu do panamá e os sapatos de duas cores compunham-lhe o tipo. Não raro, poder-se-ia encontrá-lo sobraçando um violão pequenino, indo ou vindo das serestas, dos cabarés e dos botequins que frequentava. Nunca lhe faltava dinheiro no bolso, nem amigos para mais um trago.

Em seguida, apresenta-nos suas praticas religiosas.

Aos domingos, todos podiam ver Zé Pilintra Valentão entrando na igreja de Nossa Senhora do Carmo, no centro de Recife, para fazer suas orações. Dizia-se também devoto de Santo Antônio, e assim no dia 13 de junho, dia consagrado ao Santo, lá estava o Zé Pilintra Valentão, impecável com seu terno de casimira, pronto para a procissão pela avenida Conde de Boa Vista.

Finalizando relata sua morte.

A morte de Zé Pilintra Valentão ocorreu misteriosamente. Conta-se que aos 41 anos, ainda muito moço, Zé amanheceu morto, sem nenhum vestígio de ferimento externo. Soube-se, entretanto, que Zulmira, uma das suas amantes, tinha feito um “trabalho” para ele. Tinha um filho, que Zé Pilintra se recusava registrar como dele. Zulmira tinha um doentio de Zé Pilintra, e por causa dela ele já estivera envolvido em muitas brigas e confusões. Ela queria Zé Pilintra só para si. Assim, contam que lhe dera um prazo de sete semanas para que ele deixasse as outras amantes e fosse para a sua casa no bairro de Tamarineira. Zé Pilintra não foi e acabou sendo envenenado. Zulmira, depois da morte dele, sumiu de Recife e nunca mais se soube dela nem do filho (Alkmin, 1997, 21).

Feita a exposição da história de Zezinho, que depois virou Zé Pilintra Valentão, podemos observar algumas das qualidades atribuídas a Zé Pilintra como a fama “bebedor”, “fanfarrão”, “galanteador de mulheres. Vale notar que há muito preconceito nessas narrativas (Alkmin, 1997).

Em seguida apresentaremos, seguindo os passos da pesquisa de Alkmin (1997), mestre Zé Pilintra que supostamente viveu no século XIX na cidade do Recife.

A história começa com o relato de seu nascimento, apresentado por seus pais.

Conta-se também que existiu no Recife, lá pelo fim do século passado (XIX), um rapaz da classe média pernambucana filho único de uma família bastante conhecida. A família Aguiar, embora não fosse tradicional ou possuidora de grande fortuna, dominava o comércio de secos-e-molhados no centro da capital, com um bem instalado armazém. Manoel Pilintra de Aguiar, descendente de português, por seu segundo casamento desposou uma negra, de traços finos e bem aparentada. Por parte de sua família houve total desaprovação, por ela ser negra. Balbina esposa de Manoel Aguiar, era “filha de santo” do terreiro de mãe Dina parentes (Obatundê) e logo tratou de proteger o seu filho das ameaças da família do marido. Na verdade, a família de Manoel Aguiar, bastante numerosa, não estava feliz com aquele mulato andando no meio deles, um

possível herdeiro. Não toleraram Balbina, entretanto a tinham como mais uma escrava, cujo os direitos se limitavam apenas a servir ao patrão. José Pilintra de Aguiar, como foi batizado o filho de Balbina e Manoel Aguiar, era um intruso na família, mesmo sendo protegido pelo pai que muito o amava.

Após a morte do pai, ele acompanha a contra gosto a mãe que é obrigada a abandonar a casa onde morava, período no qual iniciou-se no Candomblé.

Parte da adolescência de José Pilintra foi vivida fora de casa, junto aos malandros do cais do porto, as margens do rio Beberibe. Quando seu pai faleceu, vítima cólera, sua esposa Balbina, teve de sair de casa, indo para um casebre na periferia da cidade. Zé Pilintra acompanhou-a, embora desgostoso, pois estava acostumado a boa vida, boas roupas e boas comidas. Durante o tempo em que ficou ao lado da mãe, Ze Pilintra foi iniciado no Candomblé e no dia 24 junho, três meses antes de completar quinze anos, foi “feito no santo”, tornando-se portanto, filho de Xangô com Iemanjá.

Após a morte da mãe Zé Pilintra ele passa a viver como um boêmio entregue aos prazeres da vida.

Uma febre violenta acabou por matar Balbina, que já vinha cheia de sofrimentos e desgostos. Dizem que antes de morrer chegou mesmo a se prostituir para arranjar dinheiro para si e para o filho. Zé Pilintra, embora tivesse recebido uma educação exemplar do pai, não fora talhado para o trabalho pesado. Com pouca instrução, não teve outro remédio se não ingressar na boemia, vivendo de favores de prostitutas e do jogo. Mulato claro, sempre envergando um bom terno de algodão, gravata vermelha, sapato de cromo, e chapéu do Panamá, Zé Pilintra viveu como quis, cercado por muitos amigos, muito bebida, música e confusão. Sua comida predileta era carne seca assada na brasa, farinha de mandioca pura, rapa dura, caju, coco e não lhe podia faltar uma boa panelada de caranguejo. Foram muitas as brigas de Zé Pilintra arranhou por onde vivia. Sempre cercado de mulheres-da-vida, Zé não media qualquer esforço para defendê-las, ainda que estivessem erradas. Tomava sempre as dores dos mais fracos. Era o rei do carteado e qualquer descuido ele tomava todo o dinheiro dos parceiros sempre na malícia e esperteza.

Com a sua morte, veio a transformação, tornou-se egun.

Foi assassinado ainda jovem, antes de completar seu ciclo de vida terrena e, ao desencarnar, tornou-se **egun** que surge nos terreiros de **Lese Egun** com o nome de Babá Ode Ilá Ilu, sempre pronto para ajudar aos que a ele recorrem. No plano espiritual, Zé Pilintra demonstra ser muito interessado, e diz que não trabalha de graça para ninguém.

Os méduns em que ele se manifesta precisam ter muita capacidade de recepção e domínio. Em suas manifestações Zé Pilintra gosta muito festejar, conversar e jamais diz (não) a quem quer que seja. Reune também qualidades de exu e de criança (ibejada), embora soubesse que no catimbó puro, não existem crianças nem exus. O catimbó, como já vimos, é uma mescla de tudo isso apresentando-se numa outra forma típica. (Alkmin, 1997, 24).

Nas quatro descrições apresentadas de mestre Zé Pilintra destacou-se suas características marcantes entre elas a de ser um mestre fanfarrão, boêmio, mas que quando passou para o mundo espiritual, começou a trabalhar para o bem e para quem merecesse. Nota-se então que mestre Zé Pilintra, se manifesta de formas diferentes conquistando o seu espaço e fazendo a caridade a quem dele precisar.

Assunção, ao discutir a figura de mestre Zé Pilintra, nos terreiros nordestinos, o apresenta como vindo da cidade da Jurema. Os juremeiros umbandistas sertanejos defendem a idéia de que o mestre Zé evoluiu passando a ser um espírito de luz (Assunção, 2010).

Zé Pilintra hoje não tá baixando em toda mesa. Zé Pilintra, o senhor sabe, que naquele tempo ele era da bagaceira, ele fazia o que queria que ele não era luz completa, ele era meia luz, hoje ele se torna uma luz completa, não é em toda coroa que ele baixa, porque naquele tempo, ele bebia, ele fumava, ele fazia todo o dismantelo, hoje ele não faz mais nada disso ele entregou a mensagem dele pra Zé Filintra, que são irmãos, hoje ele vem para fazer uma cura, ele vem pra abrir uma mesa, ele vem para fechar uma mesa, ele vem pra prestar uma caridade a um doente, porque hoje mesmo ainda existe terreiro que trabalha com Zé Pilintra fumando, bebendo, fazendo aquela mesma coisa, mas eu acredito, na minha parte, eu acho que não seja Zé Pilintra, não pode ser Zé Pilintra, porque Zé Pilintra não é mais não é em toda coroa que ele baixa. Ele alcançou uma luz mais elevada

porque ele quando era meia luz ele tombava cá fazia isso,fazia o que queria,porque ele era meia luz,ele arrebetava com tudo,o trabalho dele,era trabalho pesado,mas depois que ele tava novamente com quinze anos mais ou menos ele caiu fora,entregou a mensagem para o irmão,Zé Filintra,aliás,são três irmãos:Zé Pilintra,Zé Filintra e Cego Veio da Boca Serena. Zè Filintra é quem tá com a mensagem de Zé.(apud José Julio Laurindo, de Salgueiro-PE)(Assunção,2010,253).

O capítulo lembrou o que é a Jurema e seu ritual e apresentou seus mestres que se “destacaram” historicamente , sendo possível perceber registros da mesma em terras nordestinas. Partindo desse ponto,no segundo capítulo mostraremos um panorama da Jurema em terras nordestinas.

Capítulo 2

Rolou folha na Jurema,rolou folha
Zé Pilintra no Conga rolou
folha.(Nego do chapéu virado).

“Breves notas sobre o histórico da Jurema”

O capítulo sistematiza as idéias apresentadas por estudiosos sobre o que é o Catimbó⁴ nordestino e como é realizada a sua prática a partir do processo de reelaboração do culto da Jurema indígena. Seguiremos de perto a

⁴ Catimbó,magia, mistério, ocultismo. Como é difícil falar sobre o Catimbó. Esta mistura, as vezes, confundem os adeptos, os simpatizantes, os seguidores do culto. Dizem os mais entendidos que o Catimbó não possui em seus cultos uma hierarquia, porém, tenho consciência de que ela existe e é muito precisa para os trabalhos espirituais da Jurema. Exemplo: um mestre não passa à frente do outro e, nas mesas, tem um dirigente que é um dos grandes mestres, escolhido pela vidência na mesa. Como nos terreiros de umbanda tem velhos, caboclos espíritos de cura, boiadeiros que chefiam, casam e batizam seus seguidores, no Catimbó é a mesma coisa temos uma família, uma cidade e um Estado. O Catimbó veio da era medieval, onde bruxos e bruxas, grandes mágicos e até mulatos, carregadores de sinhazinhas, mascates, caboclos matreiros, negros fugitivos, enfim todas as classes, principalmente os mais carentes, que tinham que fugir para exercer sua fé, que era proibido na época Entre mamelucos e cafuzos, negros e índios, europeus de todos os lados fugiam para a mata, para fazer o Catimbó.(Kanabogy,2008,24).

ampla pesquisa de Luiz Assunção, estudioso da Jurema de longa data (Assunção, 2010).

Assunção descreve minuciosamente, as primeiras manifestações de elaboração do culto da Jurema retratada pelos cronistas e viajantes, a partir do século XVI e mais tarde pelos holandeses quando viajando pelo sertão narraram o cotidiano e a cultura do povo Tapuia. “Tratam-se de rituais onde se bebia a jurema, fumavam, manipulavam ervas naturais, invocavam seus antepassados, como elementos culturais inseridos nos costumes de práticas vividas coletivamente” (Assunção, 2010, 75).

Segundo Rodrigues e Campos, em *Caminhos da visibilidade: a ascensão da Jurema no campo religioso de Recife*, a Jurema é uma religião tipicamente do nordeste brasileiro.

Seu nome, de origem tupi, liga-se a espécies de árvores encontradas no sertão. São elas a *Mimosa hostilis*, hoje reclassificada como *Mimosatenuiflora*, a *Mimosa verrucosa* e também a *Vitex agnus-castus*, conhecidas como jurema preta, jurema mansa e jurema branca, respectivamente. A jurema preta é utilizada na fabricação da bebida que dá nome a esse universo religioso. Sua origem remonta a pajelança e ao toré, ambos regimes religiosos que fundamentam a estrutura indígena do sagrado (Rodrigues; Campos, 2013, 271).

Para Assunção o avanço da colonização favoreceu a incorporação dos indígenas a sociedade atual, esse processo contribuiu para que a cultura indígena fosse influenciada por elementos externos, elementos que passaram por processos de ressignificação.

A partir de 1920, o Catimbó nordestino passou a ser objeto de pesquisa e investigação por parte de estudiosos voltados para a cultura folclórica, que procuraram recriar essas culturas antes que caíssem no esquecimento completo. Entre eles podemos enumerar Câmara Cascudo (1898-1986), Mário de Andrade (1893-1945), Gonçalves Fernandes (1909-1986). Eles vieram após cientistas sociais como Roger Bastide (1898-1974) e Arthur Ramos (1903-1949), que trabalharam com o pressuposto de que o Catimbó é resultado de um processo sincrético dos cultos afro-brasileiros (Assunção, 2010).

Segundo Mota, a Jurema é cultuada a muito tempo pela população indígena, e mais tarde recebendo influências afro-brasileiras:

O culto da Jurema vem de tempos remotos na região dos Kariri, pois é tido pela população rural como uma prática religiosa conhecida como o Catimbó, e nos cultos afro-brasileiros que no Nordeste tomaram o nome de Xangô. Parece que originalmente tratava-se de uma prática religiosa nativa da região, mas no presente está claro que foi largamente influenciada por tradições da religiosidade africana e portuguesa. (Mota, 2007, 119).

A partir de estudos feitos por Roberto Motta, referente a temática Catimbó-Jurema, na década de 70, pode-se configurar novos estudos a respeito desta religiosidade, abrindo caminhos para novos pesquisadores construírem a sua própria linha de pesquisa.

Roger Bastide descreve que o Catimbó nordestino surgiu nas origens da colonização, denominando-se de “santidade”. Em Jaguaripe a santidade começou a se manifestar no sertão baiano, em 1583 -

Centraliza-se esse culto num ídolo de pedra, chamado Maria, e dirigido por um “Papa” e a “Mãe-de-Deus”; entrava-se por esse culto por uma espécie de iniciação, simples cópia do batismo católico, e todo o cerimonial constituía um sincretismo bastante desenvolvido de elementos cristãos (construção de uma igreja para adoração do ídolo, porte de rosários e de pequenas cruzes, procissões de fiéis, os homens na frente e as mulheres com seus filhos atrás) e de elementos indígenas (poligâmias, cantos e danças, uso do tabaco, “a erva sagrada”, à moda dos feiticeiros indígenas: tragava-se a fumaça até a produção do transe místico, que se chamava precisamente o espírito da santidade. (Assunção, 2010, 76).

O período de manifestação desta santidade, em Jaguaripe, é registrada pela incursão do branco colonizador no interior da província, com o contato direto com a população indígena num cenário de guerras, extermínio, apresamento, aldeamentos e missões religiosas (Assunção, 2010).

Em Jaguaripe no culto aos maracás ocorria manifestação de espíritos, que estavam presentes dentro do maracá dado já apontado por Lery (1980), sendo esses adorados e idolatrados. Os ídolos feitos de pedra eram

esteticamente feitos com olhos, boca e a eles davam de comer e beber (Lery apud Assunção,2010).

O seu líder principal Antonio pregava:

[...]a busca da terra sem mal, passando sua mensagem a adquirir significados de hostilidade anti-colonialista. Bastide aponta para o ressentimento do escravo contra o senhor, do homem da terra contra o conquistador, e ele anuncia profeticamente a desforra do vencido contra o europeu. Esse Deus de pedra libertaria os fiéis do cativo, torná-los-ia senhores da raça branca (Assunção, 2010,76-77).

A Santidade do Jaguaripe foi uma forma de resistência da população indígena contra o processo de colonização portuguesa. Para Bastide, o catimbó de Jaguaripe é um culto dos encantados que reúne elementos das tradições indígenas e católicas junção que expressa as diferenças religiosas do mundo indígena e do mundo dos brancos (Bastide apud Assunção, 2010).

Cascudo nos mostra uma outra possibilidade de surgimento do Catimbó nordestino, ele aponta o cruzamento das tradições indígenas com a africana. Embora sua pesquisa com dados etnográficos seja posterior a realidade da santidade do Jaguaripe, sua análise é muito importante, pois aborda outros elementos que nos dão uma visão maior do que seja o Catimbó.

Segundo Cascudo (1978), a diluição étnica do indígena, na segunda metade do século XVIII, depois da expulsão dos jesuítas, contribuiu para a dispersão da população indígena e do encontro com o negro africano, esboça-se a prática do catimbó, feitiçaria, individual. O índio e o negro são os lados de um ângulo cujo vértice é o “mestre” do catimbó (Cascudo apud Assunção,2010,77).

Para Cascudo(1978), paralelamente, a prática do Catimbó, feitiçaria individual havia a Jurema, cultos simplificados com dança coletiva tupi, realizada em segredo com fins terapêuticos(Cascudo apud Assunção,2010).

Henry Koster descreveu uma dessas cerimônias em Olinda:

Um grande vaso de barro estava no centro, ao redor do qual dançavam homens e mulheres. O cachimbo passava de uns aos outros. Pouco depois, um jovem indígena disse, em grande segredo, a uma companheira, de classe diversa da sua, que fora mandada dormir, dias antes numa cabana das vizinhanças porque seu pai e sua mãe iam beber jurema (Koster apud Assunção,2010,77).

Assunção apresenta a feitura da bebida Jurema relatada pelos índios acaboclados no Brejo dos Padres, uma antiga povoação de missionários localizada na cidade de Taracatu, em Pernambuco. Afirmando que é festa de Jurema ou Ajucá, nela a bebida é feita com a raiz da Jurema, que em seguida é distribuída aos participantes, o cachimbo tubular é aceso, colocando-o em sentido inverso, isto é:

[...] botando na boca a parte em que se põe o fumo, soprando de encontro ao liquido que estava na vasilha, nele fazendo com a fumaça uma figura em forma de cruz, e em ponto em cada um dos ângulos formados pelos braços da figura. Logo que isso foi feito um caboclo, filho do chefe, colocou a vasilha no solo, sobre duas folhas de uricuri, que formavam uma espécie de esteira. Em seguida, todos que ali se encontravam, inclusive duas velhas e reputadas cantadeiras, sentaram-se no chão. O chefe e mais dois assistentes acenderam seus cachimbos...Os cachimbos, passando de mão em mão, correram toda a roda. Quando voltaram aos donos, uma das cantadeiras, tocando o maracá, principiou a cantar. Era uma invocação a Nossa Senhora, na qual se pedia paz e felicidade para a aldeia. Depois vieram as toadas pagãs dirigidas aos Encantados(...)Enquanto isso, o caboclo que colocara a vasilha sobre as folhas respeitoso e solene, ia distribuindo pelos demais a bebida mágica que transporta os indivíduos a mundos estranhos e lhes permite entrar em contato com as almas dos mortos e espíritos protetores(...)Os cachimbos passavam de mão em mão, de boca em boca. No fim, homens e mulheres se levantaram. As cantadoras começaram a benzer os presentes, um por um, sempre cantando. Antes de irem, contudo, uma delas, de pé, balbuciou uma prece a um dos espíritos protetores da comunidade (Bastide apud Assunção, 2010,78).

Bastide afirma que este cerimonial é indígena, e que tem uma função social, no entanto a presença de elementos católicos é visível e sua proximidade com o modelo de um Catimbó é forte. Mas para o pesquisador, o Catimbó existirá verdadeiramente, quando os mestiços estiverem dispersos, ou urbanizados, “presos nas malhas da nova estrutura social, de classes superpostas, onde ocupam a base da escala”(Bastide apud Assunção,2006,79).

Bastide relembra: “ [...] que os principais elementos do cerimonial do ajucá encontram-se no novo culto proletário”(Bastide apud Assunção, 2006,79).

Para Cascudo, o Catimbó nordestino nada mais é do que uma cerimônia de feitiçaria e descreve a sua prática advinda de feiticeiros zelosos de seus processos europeus de bruxaria e das muambas negras (Cascudo apud Assunção,2010).

Para Cascudo, o catimbó nordestino é formado pela contribuição dos grupos étnicos que formaram a cultura brasileira: os negros, indígenas e europeus. Assim, afirma o pesquisador: Da bruxaria ibérica a influência na concepção da magia, processos de encantamento, ternos, orações transmitidas oralmente. Dos ameríndios, a pharmacopéia, o maracá, os mestres invisíveis que teriam sido tuixáuas e pajés de grandes malocas desaparecidas; a terapêutica vegetal, o uso do cachimbo, da “marca”, com o tabaco, fumo, petum provocador do transe. O negro trouxe a invocação com os ritos e ritmos musicais; do cerimonial das macumbas bantus mantêm as “linhas” significando a procedência dos encantados, nações, invocação dos antigos negros valorosos (Cascudo apud Assunção,2010,79).

Para Bastide, mesmo com a desintegração das populações indígenas pode-se retratar uma mitologia para o Catimbó. Uma delas explica a origem da Jurema na perspectiva cristã:

antes do nascimento de Deus, a jurema era tida como uma árvore comum, mas ‘quando a virgem fugindo de Herodes, no seu êxodo para o Egito, escondeu o menino Jesus num pé de jurema que fez com que os soldados romanos não o vissem, imediatamente, ao

contato com a carne divina, a árvore encheu-se de poderes sagrados' (Bastide, 1945:207-208), justificando, assim, que a força da jurema não é material, a do suco da planta, mas espiritual, dos espíritos que passaram a habitá-la (Bastide apud Assunção, 2010, 79-80).

A segunda explicação mítica é de matriz indígena baseada na crença de um mundo sobrenatural no qual encontramos o reino dos encantados, que se organizam em estados e cidades. Tendo os mestres como responsáveis (entidades espirituais). Doze cidades formam um reino, cada um com trinta e seis mestres. Essas cidades são geograficamente compostas por rios, serras, florestas e população. Cada mestre possui sua linha e cântico para invocar sua descida à terra. Nas cerimônias entra-se em contato com chefes indígenas, almas das pessoas mortas, os antigos catimbozeiros, espíritos católicos e espíritos negros (Casudo apud Assunção, 2010).

Exemplifico com um cântico:

Eu andei o mundo em roda

Percorri todas as cidades de pena

Agora foi que eu conheci

A ciência da jurema. (Assunção, 2010, 80).



Foto tirada da saída de Santo de Julio Cesar no terreiro Onire Cele em 20/04/2009.

O mestre nos catimbós nordestino é a figura central, são catimbozeiros falecidos que residiram neste plano. A denominação de mestre que já era empregada em Portugal no século XVII, para nomear os feiticeiros e curandeiros, assim como os dirigentes de uma sessão, nas quais se contava com a ajuda de um “espírito assistente” e de um segundo que dirige a mesa (Andrade apud Assunção,2010,80-81).

Cascudo afirma, que sem a presença dos dois mestres o “encarnado” e o “desencarnado” não se abre os trabalhos com receio de um assalto imprevisto dos “espíritos que trabalham na esquerda. Quando se bebe a Jurema é possível ao descendente do pajé viajar pelo mundo sobrenatural. “Cada ‘mestre’ tem sua ‘linha’, cântico que lhe antecede a visita, resumindo a ação sobrenatural e as excelências do poder e a sua especialidade técnica” (Cascudo apud Assunção,2010,81).

Cascudo defende a concepção de que sem canto não há encanto, para qualquer feitiço é necessário o canto. Cada mestre tem os seus trejeitos, narram suas aventuras e contam sua vida.

A “linha” é o canto entoado pelo “mestre da mesa” e continuado, através de sua boca, pelo “mestre do além”. As “linhas” reproduzem a apresentação do “mestre”. A melodia é privativa de cada um. O canto é uníssono e acompanhado apenas pela “marca”. Segundo Cascudo (1978:177), as “linhas” são brasileiras, na acepção de uma soma de elementos diferenciados e fundidos, determinando a música socializada, criada pela colaboração anônima e múltipla da população (Cascudo apud Assunção,2010,81).

Assunção ao examinar a descrição do ritual, apresentado por Cascudo, notou ser ele muito colado ao rito da defumação, ao canto das linhas e a incorporação das entidades, “espíritos”. Quem são estas entidades, são os mestres defuntos, indígenas e negros feiticeiros. Há uma ausência de ritmos, apenas uma música cantada em uníssono (Cascudo apud Assunção,2010).

Pires (2010) levanta uma outra questão acerca da fumaça, afirma ser ela o grande elemento para a realização dos trabalhos espirituais.

[...] a fumaça contém em si enorme poder, já que os trabalhos e os recados são feitos e enviados através dela. Em contraponto com a tradição do conhecimento iluminista europeu, que tudo desvenda e esclarece, na ciência da Jurema a fumaça mostra uma realidade nebulosa e difusa. Dona Nice[...] diz que a fumaça é onde os trabalhos acontecem. Segundo ela, a fumaça é a coisa mais melindrosa dentro da Jurema. “A fumaça ela cura, ela derruba, a fumaça ela recupera”. Desse modo, Nice relata que um bom juremeiro, tem que saber ler e interpretar sua fumaça, saber navegar e andar nela. Na Jurema, é preciso conhecer a fumaça, preparar o fumo certo para cada trabalho específico (Pires,2010,7).

Como podemos ver, o canto e a fumaça são elementos essenciais para a realização do ritual da Jurema, sendo o primeiro o responsável pela realização do feitiço em forma cantada, e o segundo o envio desses feitiços, a limpeza do fiel e sua recuperação entre outros benefícios. É importante salientar que a ingestão da bebida da Jurema é fundamental afirma Pai Messias. “[...] a pessoa toma a Jurema para que o mestre tenha força espiritual, para que o espírito venha e a pessoa esteja bem concentrada, a matéria bem firmada para a incorporação” (Pai Messias apud Pires,2010,9).

É possível dizer, que a bebida da Jurema funciona como um estimulante preparatório de ligação com a dimensão espiritual. Afirmando que o simples ato de se ingerir a bebida, não concede a incorporação dos mestres e nem seus feitos mágicos (Pires,2010,9).

A bebida por si só tem o seu valor de cura, quando as pessoas a ingerem com o pensamento em coisas boas, tendo uma dupla função, a de força espiritual para o médium e a de cura para os fiéis(Pires,2010,9).

Os mestres da Jurema, donos do saber são de diversas nações e etnias e em sua grande maioria falam o português. “São caboclos, indígenas; negros, escravos africanos; são “mestres” brancos, catimbozeiros afamados; são mestiços. Uns não tem história, outros narram sua vida, indo a reportagem à vida dos outros “mestres do além” (Casculo apud Assunção,2010,81).

Quero ressaltar que a visão de Pires(2010) é muito pertinente ao dizer que uma das características, que mais se destacam nas entidades da Jurema é o estigma de serem subversivas, justamente por serem espíritos em sua grande maioria de prostitutas, assassinos, malandros, escravos revoltosos, índios guerreiros, pessoas que em vida apresentavam natureza violenta. L’omi L’ odó descreve as entidades espirituais da Jurema como sendo:

A Jurema não é criada em cima de lendas. Foram pessoas reais que existiram e que baixam ali, que estão ali. É um culto parecido com o culto dos *eguns*. É uma deificação dos ancestrais. Só que a questão da ética e do pensamento lógico é diferente. Porque geralmente ela deifica, vão supor pessoas que foram muito violentas em vida. Assassinos, pessoas que lutaram pela liberdade do povo, pessoas que mataram muita gente...Que têm uma conduta ética social que , pra gente, é polêmica. Dentro da Jurema é diferente. Essas mestras, sempre as mestras são alguma puta, uma quenga da beira de um cais, prostituta. E os homens são cangaceiros, sertanejos mesmo, bravos, que matou pai, matou mãe. Tem até uma toada que eu gosto: “ô zin zin zin ele é um torto e malvado. Ele matou pai matou mãe, nas ondas do mar sagrado”. Louvando aquela divindade. Na mentalidade ocidental isso seria talvez uma coisa muito difícil. “Como pode ter matado pai e mãe e ainda ser cultuado?” (L’omi L’ odó apud Pires,2010,48).

Esses perfis são evidenciados por estudiosos do tema para correlacionar a procura dos adeptos por essas entidades e para frisar que algumas entidades mais antigas da Jurema passam por um juízo de valor. Um bom exemplo é o do mestre Zé Pilintra, que de “exu “ passou a ser considerado um espírito de luz. Fato esse de mudança de categoria de um espírito proporciona o aparecimento de novas entidades que passam a assumir o lado estigmatizado da história (Pires,2010).

Pires finaliza com uma fala de Carvalho, afirmando que a junção do bem e do mal, é um traço fundante na espiritualidade afro-brasileira ou sincrética. Explicando essa dualidade ou seja, o espírito não é sempre bom no sentido cristão e sua ambiguidade estabelece sua plenitude (Carvalho apud Pires,2010).

Entrando no processo de enseedmentação, Cascudo afirma que todo mestre espiritual deve ter implantado no seu medium a semente da Jurema, uma espécie de nódulo pequeno que o legitima como mestre dotado de poder e sabedoria da Jurema (Cascudo apud Assunção,2010,81).

O processo de enseedmentação ou seja o recebimento da semente, é complexo. Após a promessa de um “mestre do além” ao futuro mestre, um outro fica encarregado de plantar a semente no corpo do futuro mestre. Este a recebe pelos seus merecimentos.O ritual recebe o nome de “ritual da enseedmentação (Cascudo apud Assunção,2010).

No Catimbó, encontramos além desta dimensão sobrenatural, elementos que completam os ritos, como a defumação para auxiliar na cura de doenças e o emprego do fumo para proporcionar o transe. “A fumaça é expelida, ao contrário da pagelança, que é absorvida, sendo o poder intoxicante do fumo substituído pela ação da Jurema” (Assunção,2010,82).

Na descrição de Gonçalves Fernandes, o cachimbo era utilizado nas sessões de cura.

os estados mentais com agitação são tratados pelos catimbozeiros com sarro de cachimbo e exorcismo de pinhão roxo. Raspam o sarro dum cachimbo que já tenha sido empregado nos defumatórios e

colocam o resíduo obtido na língua do paciente. Depois dão-lhe uma surra com ramos de pinhão roxo...(Fernandes apud Assunção,2010, 82).

As entidades basicamente são constituídas por, mestres defuntos, indígenas e negros feiticeiros. “Não existe uma indumentária especial, escola de filhas-de-santo, comidas votivas, decoração, bailados, instrumentos musicais. Ausência do ritmo, apenas música cantada em uníssono.” (Casculo apud ASSUNÇÃO,2010,82).

O rito tem uma estrutura simples e a hierarquia não é complexa, homens e mulheres podem exercer a função. Para Bastide, a estrutura hierárquica pode se dividir em:

a) mestre, que preside o culto; b) discípulos-mestres, em pequeno número, que aprendem e, entre os quais, serão escolhidos futuramente os mestres; c) discípulos, de onde saem os discípulos-mestres; d) a irmandade, a comunhão dos crentes; e) o criado, aquele que procura as raízes da jurema, que serve de agente de ligação entre o sertão e o litoral”(Assunção,2010,82).

Para Casculo, os mestres se dividem entre os auxiliares e médiuns, como uma organização simples do culto, divisões que para Bastide são consideradas como uma simples organização do ritual (Casculo e Bastide apud Assunção,2010).

O processo de iniciação na Jurema é feito individualmente, passado por um mestre que revela seus conhecimentos para seu discípulo, ensinando os cantos e segredos.

Da leitura feita pelos autores, Casculo, Bastide e Fernandes, pode-se concluir que “a mesa” é a principal cerimônia do Catimbó.

Entre os objetos rituais da “mesa”, no centro, encontra-se a “princesa”, bacia de louça entre duas “bugias”, velas, acesas ao começo da “fumaça”. Dentro da “princesa” põem um pequenino Santo Antonio de madeira. Ao lado da “princesa” fica a “marca”, cachimbo grande, já sarrento, de cabo comprido. Informa ainda Casculo que a “princesa” não está colocada diretamente sobre a toalha da mesa e sim pousando numa rodilha de pano não servido, pano limpo, virgem

e são. Diante do “mestre” está um crucifixo, à esquerda a chave de aço, virgem de qualquer uso, limpinha e reluzente, infalível e característico para abrir e fechar sessões e simbolicamente o corpo dos consulentes (Cascardo, Bastide e Fernandes apud Assunção, 2010, 83).

Diante de um simples olhar voltado para essa mesa descrita a cima, é possível perceber uma forte presença do sincretismo religioso, visivelmente expresso na utilização de imagens de santos e objetos diversos.

Para Bastide, esses objetos utilizados nos rituais da Jurema uniram a América indígena à América católica, expressa através da junção de elementos sendo eles: charutos, suas garrafas de aguardente, pequenos arcos, santos, crucifixo, seu instrumento de música indígena, o maracá, e a princesa onde se prepara a moenda da jurema (Bastide apud Assunção, 2010).

A diversidade de objetos presentes na mesa é apresentada por Fernandes da seguinte maneira: “garrafadas de jurema, cachimbos, novelos de linha, agulhas, botões, imagens de santos, principalmente um crucifixo, amarrados de cordões e fitas, pequenos alguidares, maracás, bonecas de pano, cururús secos, fumo de rolo, etc” (Fernandes apud Assunção, 2010, 84).

Com frequência é utilizado nos cultos o alguidar⁵ sobre brasas nos pés da mesas, fervendo raízes ou ervas. Cantigas são entoadas no início dos trabalhos homenageando seus mestres e velas são acesas. A jurema é servida aos presentes e a invocação aos mestres é feita.

Os mestres incorporam em seu discípulo, com orientação do mestre da mesa, é ele que indica o remédio. Antigamente, só os “mestres” recebiam as informações, hoje qualquer um pode sentir sinais da energia e responder a isso através de tremedeiras no qual o mestre está encostando (Cascardo apud Assunção, 2010).

Depois de detectar o que a pessoa tem, o “mestre” do Catimbó utiliza-se de sementes, cascas, raízes, folhas, raminhos e flores. Ele indica como deve ser feito o seu preparo ou ele mesmo o faz, cozimento, defumação,

⁵ Subst. masc. Vaso de barro ou de metal, para uso doméstico.

lambedor(xarope), chá, emplastro, fricção, banho, fumigação dependendo da necessidade (Cascudo apud Assunção, 2010).

Os remédios de cura utilizados para tratar as pessoas é retirado da flora medicinal do catimbó (Cascudo apud Assunção, 2010).

Oneyda Alvarenga reafirma que:

o catimbó é um culto religioso popular, do Norte e Nordeste do Brasil formando, juntamente com a pajelança Amazônica, e o candomblé-de caboclo da Bahia, um grupo de religiões populares intimamente aparentadas, em que se fundem elementos afro-brasileiros, ao catolicismo, espiritismo e, principalmente, costumes ameríndios” (Alvarenga apud Assunção,2010,89).

Alvarenga parte para a descrição do mundo dos mestres, um lugar sobrenatural, dividido em reinos, cidades, estados ou aldeias, ela coloca também a possibilidade da existência de divindades menores que coordenam e constituem uma diversidade de espíritos sendo eles:

caboclos de maraú, caboclos de Aruba e caboclos de luanda.”Os cânticos falam nas seguintes paragens místicas: juremal, cidade de juremal, jurema; cidade do Bom-Floral; Luanda, cidade de Luanda; Maraú; As quatro cidades; cidade dos Pássaros; Vaucá, Vaiucá; Arubá; Torre da Jurema; Bom-Passar; Poço-Fundo.(Alvarenga apud Assunção,2010,90).

Os dados coletados por esses pesquisadores nos revelam o Catimbó como uma pratica, marcada pela simplicidade com pouca hierarquia e constituído pelo mestre, ajudantes, discípulos e iniciados(Assunção,2010,90).

O Mestre é o responsável pela casa; é o dirigente da prática religiosa, seguido do ajudante, quase sempre a mulher do mestre, uma espécie de auxiliar, que tem como uma das atribuições travar com os mestres sobrenaturais o diálogo ritual durante o transe mediúnico. Os discípulos são aqueles que já possuem um conhecimento aprendido e entre os quais serão escolhidos os futuros mestres. O grupo dos iniciados é formado por aqueles que estão iniciando e os demais interessados no culto (Assunção,2010,90-91).

Os objetos utilizados na realização do culto, são chamados de “marcas”, marca-mestra (o maracá), a marca (o cachimbo) e a princesa (bacia). Não existe uma vestimenta específica e a musicalidade do ritual se dá através de instrumentos de percussão sendo eles: o maracá um tipo de chocalho, o arco de flechar e palmas (Assunção,2010).

Finalizamos esse capítulo apresentando a descrição de uma sessão de Catimbó feita pelo mestre Luis Gonzaga Ângelo, em João Pessoa-PB:

Numa parte alimpada do chão colocaram uma mesinha de 50cmx 1m aproximadamente. Em cima desta mesa uma toalha branca, quatro vasos com mudas de enfeita, um carbureto, um crucifixo, os cachimbos, os arcos, uma garrafa e um copo(...) No chão, ao lados da mesa, mais dois vasos de flores. Quando ficou todo mundo acomodado, o pessoal do catimbó se pôs em posição pro trabalho. A rainha, senhora do catimbozeiro, se sentou numa cadeira colocada na banda do fundo do quintal olhando pra casa. O mestre se pôs do outro lado da mesa, de frente pra rainha e ladeado pela secretária(...), o restante fazendo uma volta em torno da mesa”.(Assunção,2010,91)

Sintetizando pode se dizer que na esteira dos pesquisadores, o Catimbó tem três etapas sendo elas: o ritual de abertura, o chamamento dos mestres e a finalização dos trabalhos. Destacam também a função mágico-curativa dos catimbós nordestinos dando grande ênfase no tratamento de doenças, conquistas ou também atração de males sobre terceiros (Assunção,2010).

No terceiro capítulo será apresentado o relato na experiência religiosa da Jurema em terras paulistanas, mais precisamente em Sorocaba onde, foram recolhidas duas entrevistas de dois mestres juremeiros sendo eles: mestre (vivo) Julio César e mestre(espiritual) Zé Pititico do ilê do Roça de Angola Onire Celé.

Capítulo 3

Jurema minha Jurema quem
foi que te abrandou, foi o meu
rei Salomão que em Jesus

cristo ensinou. (Seu Zé Pititico).

“Jurema em terras paulistanas”: Vivência com os mestres Zé Pititico e Julio César

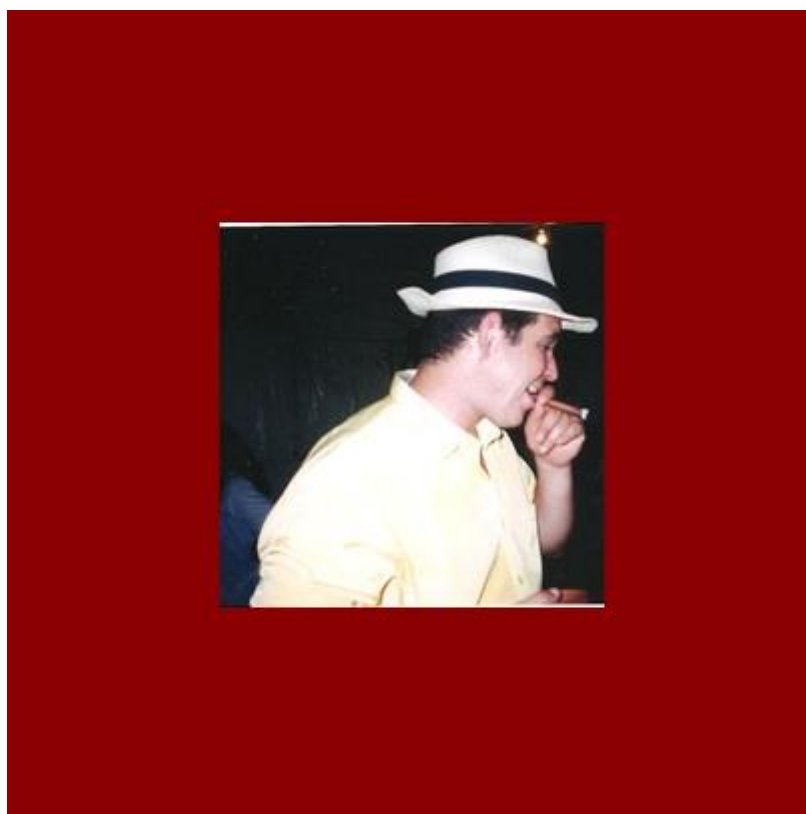


Foto tirada da saída de Santo de Julio Cesar no terreiro Onire Cele em 20/04/2009.

Tendo percebido a difusão da Jurema pelo território nacional, neste capítulo apresentamos o diálogo realizado com dois mestres juremeiros.

Pergunto ao mestre Zé Pititico o que é Jurema?

Jurema. Jurema minha filha é nada mais do que uma ciência, do que um saber. Jurema é o entendimento. Jurema da a ciência daquelas pessoas que querem saber o entendimento, é uma raiz é uma força, ela é tudo pra aquele que quer saber da Jurema da sua essência, ela é uma essência de sabedoria.⁶

⁶ A intenção deste trabalho é confrontar a visão do mestre Zé Pititico(mestre espiritual) e Mestre Julio César(mestre vivo) .Entrevista realizada em 25/01/2013.

Como é feito um ritual de mesa de Jurema?

A senhora quer saber do ritual ou quer saber da função da Jurema?

Não eu quero saber da mesa em si o ritual.

Uma mesa de Jurema aberta é para trabalhar para aqueles que vem. Onde ali esta sentado o mestre e mais mestres que são filhos da casa, e ali se abre a Jurema, o ritual Jurema de mesa que é para trabalhar, consultar com os filhos dizer as coisas para aqueles que mais precisam para um doente, um enfermo pra quem ta precisando da caridade e Jurema é caridade, Jurema é ensinamento.

Onde se localiza a Jurema?

A senhora quer dizer o que com isso aonde ela fica?

To querendo dizer onde ficam as arvores da Jurema.

A Jurema foi se conhecer em Pernambuco, lá tem a função Jurema que difundiu pra toda essa terra a Jurema minha filha, ela se da perto de água ,ela se da numa terra seca e árida, ela é uma Jurema espinhosa mas existem vários tipos de Jurema, existe também a jurema falsa, só um bom mestre de conhecimento sabe dizer qual a verdadeira e qual é a falsa.

Repito pergunta ao mestre Julio César.

É uma árvore que se deu origem no nordeste mas, se encontra em todo o estado de São Paulo.Ela pra nós que somos juremeiros é uma árvore sagrada.A Jurema em todos os cultos de Catimbó, feita de um juremado precisa da raiz, é uma ciência que todos querem saber, mas só a Jurema vai dar a ciência para aqueles que são passados pelos fundamentos dos mestres.

Pode-se perceber nas duas respostas a afirmação de que a Jurema é uma folha sagrada, que a partir dela se adquire sabedoria, entendimento que em sua constituição ela é uma arvore, e que se originou no Nordeste e foi difundida por todo o estado de São Paulo.Segundo Ney Lopes (2005) em seu livro Kitabu Jurema é:

A Jurema é uma árvore sagrada.De sua casca, faz-se o vinho da Jurema:de sua raiz talha-se o cachimbo o “catimbó”; de sua flor fabricam-se o fumo e o defumador; e com a sua semente se inicia e surge um novo mestre e seguidor do Culto da Jurema.(Lopes,2005,251).

Retorno ao seu Zé Pititico: Hoje em dia a maioria das pessoas que praticam a Jurema tem passagem pelas religiões afrobrasileiras como o Candomblé a Umbanda mas, naquela época os índios não tinham o conhecimento da

religiosidade negra ,depois da vinda dos negros deu-se inicio ao processo de fusão das duas religiosidades. Pode nos contar um pouco mais desse processo da junção das culturas?

Deixou mais forte as raízes, os negros trouxeram sua origem que foi a suas nações mas, quando os negros tiveram que fugir da senzala muitos se misturaram com os índios os “penachos” e aprenderam o ritual Jurema. Aprenderam as raízes, aprenderam os fundamentos através disso vem os negros que traziam suas origens lá na turma de Pernambuco, onde nasceu a Jurema de onde vem a origem Jurema. Eles trouxeram os ensinamentos dos índios para a mesa do catimbó para a mesa do catiço e assim foi difundido passado de pai pra filho, de filho pra vó foi passado os ensinamentos, mais ainda esta perdido muita coisa Porque? Porque as pessoas de hoje estão vivendo muito de folclore ,não vê as suas origens. Tem pessoas que falam em Jurema mas não sabem nem qual é a raiz. Tem pessoas que tão comprando com as ervas da Jurema. Isso não se compra se faz. Tem que ter mais responsabilidade com a Jurema, quando você sabe o que é Jurema. Uma pessoa, um encarnado como vocês quando descobre o segredo da Jurema ,vai saber que a Jurema é uma ciência. A Jurema é um saber ela tem efeito quando ta na magia e depois que acaba, eles bebem essa Jurema como se fosse água. Isso é o que um desrespeito com o ritual dos seus ancestrais. Tem muita gente que depois que acaba o ritual, começa a beber que nem água. Mas os velhos deixaram para aqueles que querem aprender mas só é passado para os filhos quando é passado para o ritual.Daí você vai aprender os segredo da Jurema vocês vão aprender como é feita a Jurema como é dado tomba nesse juremado e como é tirado esse juremado, Jurema é tudo ciência, caminho ,verdade, sinceridade e principalmente ciência.

Fiz a mesma pergunta ao médium de seu Zé, Mestre Julio que me respondeu:

Os negros na época da escravidão tiveram que fugir uns foram pros quilombos o que deu a origem da fusão ,da Jurema com o Catimbó. Em Pernambuco, quando os negros fugiram e foram pro nordeste onde tinha muita escravidão, muito engenho eles conheceram o ritual da Jurema então misturou a origem do negro .Com os índios. Então os índios passaram o segredo da Jurema e eles passaram o segredo da matriz afro.Os negros trouxeram da África então foi assim mais uma troca, mais só que quem difundiu tudo isso da Jurema foram os negros eles levaram adiante o ritual da jurema.

Dentro dessa fala do mestre seu Zé Pititico e mestre Julio César é possível visualizar a história de um povo, povo esse em sua grande maioria composta por negros que carregaram suas raízes e sua ancestralidade, por entre porões, senzalas não há deixando

morrer. Afirmo que a religiosidade Jurema não começou com os negros mas, sim com uma junção de culturas. Tendo presente a permanência das religiões afro-brasileiras, proponho discutir o tema da cidadania. As religiões tem contribuído na constituição das mesmas, pois trazem no seu bojo esse conceito, as religiões de matriz africana trazem por terem em seu bojo os princípios básicos para a construção da cidadania, como fortes laços comunitários. Há tempos que escritores se preocupam em retratar a importância dos espaços terreiros, como mantenedores de uma identidade que não se estabelece a partir somente do trágico episódio do período escravocrata que viveram os povos africanos, mas também pelos diversos elementos que se fundiram e deram o tempero para a formação de nossa cultura. (Junior, 2011).

Espaços reconstruídos por homens e mulheres negras, nos remetem a vivenciar diariamente a história do grupo, que nada mais é do que a memória que vem interligada com o conceito de patrimônio, pois esta relacionada e ligada a existência de cada pessoa. Sendo assim, a memória é um patrimônio das comunidades (terreiros) tendo como seu maior bem as pessoas, homens e mulheres que o frequentam. Tendo esses sofrido estigmas e discriminação, marcas que desde cedo os limitavam, foram tachados de incapazes o que os impossibilitou de se desenvolverem econômica e socialmente. (Junior, 2011).

São os descendentes destas pessoas que nos últimos anos estão a frente, liderando comunidades, se organizando cada vez mais seja para o combate a intolerância religiosa, ou para pensar políticas de sobrevivência e captar recursos. Um dos grandes problemas das religiões de matriz africana é o de captação de recursos.

Segundo (JUNIOR, 2011) as religiões de matrizes africanas são lugar de reconhecimento e construção de cidadania, tendo o mesmo papel para os não negros. É possível fazer um paralelo com as antigas Irmandades Negras que também tinham o ideal de acolher, doar-se ao próximo sendo eles vivos ou mortos. (Borges, 2005). Afirmo Junior que esses grupos não são específicos só de homens e mulheres negras. Sei de sacerdotisas afro-brasileiras que no fim da vida tornaram-se contritas fiéis da Igreja Messiânica; assim como conheço descendentes de japoneses que estão a frente de terreiros. (Junior, 2011, 25).

Acredito ser válido mostrar como as religiões afro brasileiras e indígenas, conseguem no seu dia a dia criar laços, construir famílias, cidadãos sociáveis e pessoas firmes enquanto a sua identidade. Dando continuidade a entrevista, pergunto ao mestre Zé Pititico o que é Catimbó?

Catimbó. Catimbó minha filha é quando se abre um catimbó é pra defesa e pra cura e pra cortar as demandas os feitiços⁷, isso é catimbó. É trabalhar com as raízes da Jurema, com as folhas dos mestres, ta entendendo pra trabalhar com as folhas dos mestres isso é catimbó. Para defender para trabalhar para os filhos, para fazer suas magias o seu catimbó por isso que se chama catimbozeiro.

A definição feita por seu Zé Pititico do que é um Catimbó, partiu realmente de sua finalidade dos materiais utilizados. Ele cita entre eles “as folhas”. Cascudo quando descrever o catimbó centra-se no ritual visto como cerimônia de feitiçaria, escreve pois que ele:

[..]provirá inicialmente do feiticeiro solitário, individualista, cioso dos processos bruxos europeus e das muambas negras. Conclui dizendo que o catimbó nordestino é formado pela contribuição dos grupos étnicos que formaram a cultura brasileira: negros, indígenas e europeus”. (Cascudo apud Assunção, 2010, 79).

Na visão do mestre Julio César, o Catimbó se originou:

Quem deu origem ao catimbó foi seu Zé Pilintra, que é o mestre da Jurema também, mais ai vem Julião que é um grande mestre também, onde seu Zé Pilintra, Ritinha e vários mestres que tem. São infinidades de mestres. O Catimbó é aberto para resolver problemas de feitiçaria, demanda e macumba isso é o Catimbó. Pergunto a mestre Julio César: Então ele é a parte prática da jurema? Isso, Catimbó é usado vários tipos de raízes e vários tipos de magia, pra curar, pra se defender pra tudo isso é o catimbo quando se fala catimbozeiro, o que que significa Catimbó Catimba é o Catimbo e são varias linhas de mestres isso é do meu conhecimento quando fui pra Pernambuco.

Voltando a Cascudo (1978), para ele sem canto não há encanto, a base do feitiço é feita musicalmente, cada mestre conta sua história. Todo mestre possui a sua linha que nada mais é do que o canto entoado pelo mestre da mesa e proferido pelo mestre do além. (Assunção, 2010).

Fica claro a compreensão do que venha ser, o Catimbó, ele é a parte prática do ritual da Jurema. A magia e o canto, são a parte fundante para a realização do trabalho espiritual.

Pergunto a seu Zé Pititico o significado da palavra Catiço. Palavra muito utilizada por ele em meio aos seus trabalhos espirituais:

⁷ A palavra feitiço deriva do adjetivo latino facticius, que significaria originalmente algo “manufaturado”. (Santos, 2009, 72).

Catiço é feitiço. Catibo é magia. Catibo é contenda, isso é, o significado das coisas, as pessoas vem encatibado, as pessoas vem enfeitibada. Isso é a origem que vocês dão. Nós já falamos nos vamos fazer um trabalho mas tem vários significados para dar pra senhora feitiço, magia, contenda. Isso é Catibo e eu digo assim, macumbeiro que atira tem que saber atirar. Isso é Catibo.

Refiz a pergunta ao mestre Julio César.

Catibo tem varias formas de dizer. Catibo, feitiço, tem gente que diz a fizeram um feitiço, fizeram uma magia, Catibo é tudo isso magia, sabedoria depende a forma que você for fazer ele.

Ambos utilizam inúmeras palavras, que no fundo tem o mesmo sentido. Feitiço, magia, catibo, contenda são empregados pelos mestres, de acordo com as circunstancias.

Seguindo a entrevista pergunto ao mestre Zé Pititico, a função de um mestre da Jurema?

A função de um mestre da Jurema é trabalhar para o povo fazer a caridade, trabalhar na espiritualidade, trabalhar nos caminhos das pessoas que vem procurar o ritual da Jurema. Essa é a função do mestre orientar e falar. E quem quiser escutar escuta.

Assunção recorrendo a vários estudiosos descreve o mestre como sendo:

[..]a entidade espiritual central dos catimbós nordestinos. Os “mestres” são catimbozeiros falecidos que viveram na Terra (Casculo). Segundo Andrade, no século XVII, em Portugal, os feiticeiros curadores se chamavam de “mestres”. Nas cerimônias de catimbó, também denomina-se “mestre” o dirigente de uma sessão, que realizará seus “trabalhos” com a ajuda de um “espírito assistente” e um outro “espírito” que preside a “mesa” ou sessão. Segundo observou Casculo, “sem a presença desses dois ‘mestres do além’ o ‘mestre’ não abre a sessão temendo um assalto imprevisto dos ‘espíritos que trabalham na esquerda’, gente atrabiliária e perturbadora. (Andrade Apud Assunção, 2010, 80-81).

Mestre Julio César destaca a importância do mestre na hora do ritual:

Todo ritual da Jurema tem um mestre, não é o superior é o mestre que é o dono da casa. Ele que vai abrir a Jurema, vai dita como vai ser feito os trabalhos, a função dele é de orientar até mesmo os mestres que estão ali trabalhando, por isso que tem que ter sempre um cambono do lado dos mestres pra ver o que tão pedindo que tem que ser feito. Mestre trabalha muito, na toada, na raiz com muitas coisas. Essa é a função dos mestres é um orientador, até mesmo o medium é um mestre, abrindo tem pessoa que abre a Jurema

também mesmo não estando incorporado, mas também é um mestre foi passado por um ritual.

Percebe-se a nas descrições, que elas se complementam o mestre é a figura central, trabalhando pela caridade, sendo espíritos de catimbozeiros falecidos, ressaltando também a importância do dirigente da sessão, o “mestre vivo” personagem importante para a condução de um bom trabalho.

Continuando a entrevista, pedi a Zé Pititico que falasse sobre as sete cidades sagradas.

Posso dar só um nome pra senhora, cidade do Campo Verde essa é uma cidade”.

Afirmando a existência de cidades ou seja a morada dos mestres juremeiros, seu Zé Pititico nos revela a existência de outras moradas da espiritualidade. Com base numa explicação feita pelos índios de como seriam essas cidades , retorno a explicação dada por Assunção para desvelar a complexidade que envolve a crença relacionada com as cidades sagradas:

[..] a crença na existência de um mundo sobrenatural (o “mundo do além”) concebido como um outro mundo natural, dividido em reinos encantados, que se subdividem em estados e esses, por sua vez, em cidades. Cada cidade é dirigida por três “mestres”(entidades espirituais). Um reino é formado por doze cidades, com trinta e seis “mestres”, e compreende dimensões, com topografia, serras, florestas, rios, população e cidades cuja forma, algarismo e disposição ainda não foram fixados pelos “mestres” terrestres (Casculo, 1978:54).Cada “mestre” tem uma linha, que é o cântico que precede sua visita á terra.Este “reinado” é formado, portanto, por chefes indígenas, almas das pessoas mortas, os antigos catimbozeiros, espíritos católicos e espíritos negros.(Assunção,2010).

Retomei a questão das cidades sagradas para o mestre Julio César que nos responde:

Esse ponto eu não vou poder dizer. O segredo das cidades da jurema você tem que passar pelos fundamentos da Jurema. Daí você vai saber as setes cidades da Jurema daí quando você for iniciada, você já vai estar sabendo você não vai trazer os nomes da cidade da Jurema e cada mestre da Jurema traz a sua cantiga seus fundamentos. Exemplos: O que quer dizer um mestre juremado, um boiadeiro já é mestre.Mas o mestre dele já passa pelos fundamentos da Jurema, ele tem que ter seu príncipe assentado tem que ter tudo certinho. Ele não deixa de ser mestre mas o médium passa por uma

preparação, que ele vai trazer sua cidade sua origem da onde ele veio sua raiz.Cada mestre tem sua raiz pra trabalhar no Catimbó.”

Pedi ao mestre Zé Pititico para apontar o nome de alguns mestres da Jurema

Posso?Pode. Mestre Zé Pilitra, Mestre Carlos, Mestre Malunguinho, Turtuliano, Julião, Mestre da Areinha,Mestre Junqueiro, Benedito Fumaça Mestra e Mestre Ritinha, Mestra Navalha e por ai vai.Cada mestre tem seus príncipes assentados e cada mestra tem suas princesas.

Ao mestre Julio perguntei pelo nome de mestres da Jurema, sua lista foi menor, e trouxe apenas um nome novo.

Mestre Carlos, Mestre Turtuliano ,Zé Pilitra ,Damião e Ritinha.”

Voltei a dialogar com mestre Zé Pititico.Disse a ele que li inúmeros escritos sobre Jurema e gostaria de saber se mestre Malunguinho é mesmo o rei da Jurema.

Malunguinho é o rei ,mas mestre Carlos sempre vai ser o bom mestre“Mestre Carlos é um bom mestre que aprendeu sem ninguém ensinar ,por sete dias ficou tombado na sombra dum jurema.Quando se levantou, levantou mestre pronto e trabalhou.(Ponto cantado).

Pois ele é o rei também, ninguém e mais que ninguém na jurema mas cada um trás seus fundamentos. Malunguinho é o rei também sempre vai ser.Quem é Malunguinho , é um caboclo, então ele é o rei, sempre vai ser,sempre vai ser um rei porque ele é um caboclo ,ponto cantado:

Eu sou caboclo eu sou ,eu sou do ponto eu sou ,sou resador. Malunguinho to te chamando que eu to forrando a mesa. Poe um ponto no salão que quero ver to na defesa.Malunguinho é rei!.. Oi chega, chega chega reis Malunguinho.(Ponto cantado).

Então todo mestre da jurema salda Malunguinho e quando se abre um catimbó se canta pra Malunguinho e se louva porque na casa de juremada se canta pra Malunguinho louvando junto. Seu Zé canta: Oi leva, leva, leva reis Malunguinho, eu já me vou é na hora de despachar.Mesa de Jurema tem varias minha filha precisa ver qual é qual? NÉ?O discipulo diga quem tu és, diga da onde tu veio?

Eu já fui passado por sete cidades, oi discipulo toma cuidado

Eu já fui passado por sete cidades, oi discipulo toma cuidado.

Quando se fala isso tá pedindo pro mestre, que tá ali dar as suas cidades.Quem es tu discipulo diga qual é sua cidade.

Todos são mestres os espíritos da Jurema são mestres, são feitos porque passaram mas o médium que trabalha com ele tem que passar pelo sacrifício também todos as pessoas são feitas mas tem que passar no sacrifício também porque sem sacrifício você não vai aprender nada todo mundo aprende na hora da dor, na hora do choro ninguém aprende nada porque se ninguém ensinar como que vai

saber,segredo de jurema é um segredo porque que é um segredo porque e uma ciência todo mundo quer saber o segredo tal jurema mas quem pode eu dar o saber pra você mas quem da o saber é a jurema mas quem da a ciência é a jurema

O jurema o jurema você é dona da cidade mas a chave ainda é minha

O jurema o jurema você é dona da cidade mas a chave ainda é minha.”

Faço a mesma pergunta a Mestre Julio :

Ele é o rei da Jurema ele e um caboclo rei das folhas .Mas o grande mestre que aprendeu sem ninguém ensinar foi mestre Carlos porque ele queria tanto o segredo da jurema e o pai dele não queria ensinar ele então ele abriu uma jurema sozinho ele foi pra mata que Ele abriu uma jurema só que cofou morreu e procura pra procura pra La o pai dele abriu uma sessão de jurema ele incorporou no pai ai ele fala pro pai .Você não precisa mais me ensinar eu já sou mestre por sete dias fiquei deitado na sombra dum jurema eu sou um mestre q aprendeu sem ninguém ensinar quando me levantei me levantei mestre pronto pra trabalhar.

Ele é o rei da jurema ele é o grande defensor da jurema ele é o mestre dos mestre porque ele abriu ritual da magia e ele cofou ele aprendeu tudo sozinho mas ele morreu ele teve que morrer para abrir um ritual da jurema esse é um grande rei também ele é o rei da jurema de mesa.

Vou explicar a oriegm de mestre Carlos ele vem como criança ele da receita pra cura ele vem em varias formas em mil faces ele é um mestre pronto treze anos quando ele partiu daqui para o mundo espiritual.”

Entre as minhas leituras vi citações sobre a linha dos encantados você pode me dizer o que são Mestre Julio?

Linha da Jurema são essas que eu citei, os mestres que eu acabei de falar pra você encantados e outro ritual são tambor de minas, no meu conhecimento tambor de minas eles não morrem eles encantam são encantados tanto é que eles são cobertos.

Pergunto ao seu Zé Pititico sobre os tipos de Jurema e o que é a linha dos encantados?

Jurema de mesa, Jurema de chão é nada mais nada menos do que uma só, muda o jeito de dar obrigação para o mestre jurema de mesa se recolhe na quarto do mestre o dono da casa e jurema de chão se recolhe nas matas onde o mestre e o médium ficam lá pra ser plantada a semente da jurema do mestre e ali ele trás suas sete cidades trás suas toadas seus fundamento trás suas raiz e suas folhas porque cada mestre tem suas raízes e suas folhas.O médium

ta incorporado e é implantado nele a semente da jurema nos pontos. Os encantados são os encantados eles não morrem eles encantam o que e eles viram encanto encatados pra voceis? É morrer não tem aquele ditado desencantou, apareceu isto são encantados isso é ser encantado por que eles encantam desaparecem e voltam encantados são os grandes mestres da encantaria.

Conclusão

A iniciativa de realização deste trabalho se deu a partir da necessidade vista por mim, de dar visibilidade a religiosidade Jurema, mostra-la enquanto única, pois senti uma certa carência de estudos acerca desta religiosidade.

No primeiro capítulo apresentamos um panorama do que é Jurema, onde ela surgiu e seus fundamentos. Foi abordado também figuras importantes deste cenário “os mestres”, sem eles seria difícil pensar na materialização do ritual e no desenvolvimento de seus discípulos.

Já no segundo capítulo, percorremos um pouco do universo da Jurema Nordestina e sua materialização a partir do Catimbó. A discussão foi fundamentada, com pensadores como Câmara Cascudo (1898-1986), Roger Bastide (1898-1974) e Luiz Assunção (2010) que se debruçaram sobre esta temática, produzindo diversos estudos a cerca da Jurema e sendo de grande contribuição para este trabalho.

No terceiro e último capítulo, a partir de duas entrevistas colhidas no terreiro Roça de Angola Onire Cele, concedida pelos mestres Julio César (mestre vivo) e mestre Zé Pititico (mestre espiritual) foi possível olhar a Jurema de perto já em terras paulistanas no município de Sorocaba. As entrevistas confirmam inúmeras informações apresentadas no primeiro e no segundo capítulo. Elucidou-se no decorrer deste trabalho a cultura existente nas religiões afro brasileiras, sua importância nos terreiros como sendo um espaço de criação de laços, família, construção de cidadania e ajuda ao próximo, coisa que dificilmente se vê em outras religiões.

Um ponto preocupante notado em minhas pesquisas para este trabalho, foi o de que ainda há poucos estudos acerca da Jurema, mas que esta religiosidade

se manteve forte e espalhou sua raiz , sendo possível encontrar seus frutos em diversos estados inclusive na cidade de Sorocaba.

Acredito que este trabalho tenha cumprido com sua proposta de analisar com cuidado essa religiosidade, e evidenciou sim que se faz necessário a existência de mais estudos acerca da Jurema e mostrou a sua importância e contribuição no cenário das religiões afro brasileiras e indígenas.

Destaco que ao longo da pesquisa me deparei com diversos temas que envolvem o universo da Jurema como o Catimbó e a produção de sua fumaça benéfica para limpeza, mas como o trabalho tem um foco pré delimitado não tive como aprofundar muito em algumas questões.

Bibliografia:

ASSUNÇÃO,Luiz.O *reino dos mestres*: a tradição da jurema na Umbanda nordestina .Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

ALKMIN, Zaydan.*Zé Pelintra*: dono da noite, rei da magia.3.ed.Rio de Janeiro: Pallas,1997.

BORGES,Célia Maia. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário*: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX.Juiz de Fora: Editora da UFJF,2005.

BRANDÃO,M. do C.T.;NASCIMENTO,L.F.R.do. O *Catimbó-Jurema*.Universidade Federal de Pernambuco.n13,1998.Disponível em:<http://www.ufpe.br/clioarq/index.php?option=com_content&view=article&id=342&Itemid=282>. Acesso em 10 nov.2013.

JUNIOR,Vilson S. de Caetano.*Na palma da minha mão*: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas.Salvador:EDUFBA,2011.

KANABOGY,Abigail.*Nos caminhos da Jurema Preta*: Zé Pilintra e seus Falangeiros uma visão espiritual da Rainha do Catimbó.Rio de Janeiro.Editora Pajú,2008.

LOPES, Ney. *Kitábu: O livro do saber e do espírito negro-africano*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

MOTA, Clarice da Novaes. *Os filhos de Jurema na floresta dos espíritos: ritual e cura entre dois grupos indígenas do Nordeste brasileiro*. Maceió. EDUFAL, 2007.

PIRES, Pedro Stoeckli. *Sobre mestres e encantados: a jurema como expressão sentimental*. 2010. 106.f. Tese (Mestrado em Antropologia Social)-Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RODRIGUES, Michele. G; CAMPOS, R. B. C. *Caminhos da visibilidade: a ascensão do culto da Jurema no campo religioso do Recife*. Revista *Afro-Ásia*. n47, 2013. Disponível em: <
<http://www.afroasia.ufba.br/edicao.php?codEd=108> > . Acesso em 25 out. 2013.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O Poder dos Candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, Marinaldo da José. *Festa do Quilombo: cocos na jurema para o mestre malunguinho*. *Cadernos Imbondeiro*, João Pessoa, v.1, n.1. 2010. Disponível em: <
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/search/advanced>>. Acesso em: 05 out. 2013.